

## **Aula 06**

*TJ-PR (Técnico Judiciário) Passo  
Estratégico de Língua Portuguesa - 2025  
(Pós-Edital)*

Autor:

**Carlos Roberto Correa**

11 de Junho de 2025

<b>1 - Apresentação .....</b>	<b>2</b>
<b>2 - Análise Estatística .....</b>	<b>3</b>
<b>3- Classificação dos Pronomes.....</b>	<b>4</b>
3.1.1 – <i>Pronomes Pessoais</i> .....	4
3.1.2 – <i>Pronomes Possessivos</i> .....	6
3.1.3 – <i>Pronomes Demonstrativos</i> .....	7
3.1.4 – <i>Pronomes Indefinidos</i> .....	8
3.1.5 – <i>Pronomes relativos</i> .....	9
3.1.6 – <i>Pronomes Interrogativos</i> .....	11
<b>4 – Colocação Pronominal.....</b>	<b>11</b>
<b>5 – Aposta estratégica .....</b>	<b>15</b>
<b>6 – Questionário de revisão estratégica.....</b>	<b>15</b>
6.1 <i>Perguntas</i> .....	15
6.2 <i>Perguntas e respostas</i> .....	16
<b>7 – Questões estratégicas .....</b>	<b>19</b>
<b>8 – Questões estratégicas comentadas.....</b>	<b>32</b>
<b>9 – Gabarito .....</b>	<b>50</b>



## 1 - APRESENTAÇÃO

Olá, servidores. Daremos, na aula de hoje, mais um grande PASSO rumo à sua aprovação. Adentraremos num assunto bastante interessante, sempre cobrados em provas de Língua Portuguesa: **pronomes - função sintática e colocação**.

Desejo-lhes uma excelente aula!

Bons estudos!

@prof.carlos.roberto

**#amoraovernáculo**

*“A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal”.  
(Machado de Assis)*



## 2 - ANÁLISE ESTATÍSTICA

Com o intuito de fazer um estudo direcionado, de acordo com as especificidades da banca, fizemos um ranking com os percentuais de incidência segregados por assunto e subassunto, baseando-nos nos seguintes critérios:

### Análise Estatística – Língua Portuguesa

- **Banca examinadora:** AOC
- **Período de análise:** 2020 a 2025
- **Área:** Judiciária e Ministério Público dos Estados (MPE/MPSC/MPRJ etc.)
- **Escolaridade:** Nível Médio e Superior
- **Quantidade de questões analisadas:** 130

Isso nos permite visualizar os assuntos “preferidos” da banca examinadora.

Língua Portuguesa - % de cobrança em provas anteriores (Instituto AOC)	
Interpretação de textos; reescrita de frases	23,1%
Concordância verbal; concordância nominal; vozes verbais	13,1%
Tempos e modos verbais	11,5%
Regência verbal; regência nominal; semântica	10,8%
Ortografia; acentuação gráfica; crase	9,2%
Classes de Palavras; formação e estrutura das palavras	7,7%
Relação de coordenação e subordinação das orações; pontuação	7,7%
Termos da oração; partícula "se"; vocábulo "que"; vocábulo "como"	6,9%
Colocação pronominal; função sintática dos pronomes átonos e relativos	5,4%
Linguagem; tipologia textual; fonética	4,6%
<b>TOTAL</b>	<b>100,00%</b>

Essa tabela mostra a ordem decrescente de incidência dos assuntos, ou seja, quanto maior o percentual de cobrança de um dado assunto, maior sua importância.



Os assuntos **pronomes - função sintática e colocação** - possuem um grau de incidência de 5,4% nas questões colhidas, possuindo importância alta no contexto geral da nossa matéria, de acordo com o esquema de classificação que adotaremos, qual seja:

% de Cobrança	Importância do Assunto
Até 1,9%	Baixa a Mediana
De 2% a 4,9%	Média
De 5% a 9,9%	Alta
10% ou mais	Muito Alta

Dividindo-se em subassuntos, temos os seguintes percentuais:

Subassunto	Percentual (%)	Conteúdos mais cobrados
Colocação pronominal	50%	Próclise, ênclise, mesóclise
Pronomes relativos	28%	Sujeito, objeto direto/indireto
Pronomes oblíquos átonos	22%	Objeto direto/indireto, complemento nominal

### 3- CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Primeiramente, temos de conhecer os pronomes para saber como eles devem aparecer no texto. **Pronomes** são palavras que substituem os substantivos ou os determinam, indicando a pessoa do discurso, ou seja, a pessoa que participa da situação comunicativa.

Na frase “*Peguei **teu** livro, mas não **o** devolvi.*”, a palavra “o” substitui o substantivo “livro” e a palavra “teu” o determina, isto é, indica que o objeto pertence à 2ª pessoa do discurso (a pessoa com quem se fala).

Os pronomes podem ser **substantivos** ou **adjetivos**. Na frase acima, a palavra “o” é pronome substantivo, porque substitui o substantivo “livro”, ao passo que “teu” é pronome adjetivo, porque determina o substantivo junto do qual se encontra.

Os pronomes são classificados em: **pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, relativos e interrogativos**.

#### 3.1.1 – PRONOMES PESSOAIS

Pronome pessoal é aquele que substitui um substantivo. Apresenta-se como pronome pessoal do **caso reto** ou do **caso oblíquo**.

#### PRONOMES PESSOAIS



PESSOAS DO DISCURSO	PRONOMES RETOS (função subjetiva)	PRONOMES OBLÍQUOS (função objetiva)	
		ÁTONOS	TÔNICOS
1ª pessoa do singular	eu	me	mim, comigo
2ª pessoa do singular	tu	te	ti, contigo
3ª pessoa do singular	ele/ela	o, a, se, lhe	ele, ela, si, consigo
1ª pessoa do plural	nós	nos	nós, conosco
2ª pessoa do plural	vós	vos	vós, convosco
3ª pessoa do plural	eles/elas	os, as, se, lhes	eles, elas, si consigo

Essa divisão dos pronomes (caso reto e oblíquo) é feita de acordo com a função que exercem na frase.

Os pronomes pessoais do **caso reto** desempenham a função de **sujeito da oração** e os **oblíquos**, a de **complemento** (verbal ou nominal).

*Ele ganhou um livro de presente, mas o abandonou dias depois.*

- **Ele** (pronome pessoal do caso reto – 3ª pessoa do singular) exerce a função de sujeito na oração;
- **O** (pronome pessoal do caso oblíquo) substitui o nome (**livro**) e exerce a função de objeto direto na oração (complemento verbal).

Os **pronomes oblíquos** ainda podem ser:

- Átonos:** não preposicionados;

*Ela me emprestou o material do Estratégia Concursos.*

*Eu lhe entreguei meus resumos.*

Se estiverem associados a verbos terminados em **r, s** ou **z**, bem como à palavra **eis**, os pronomes **o, a, os, as** assumem as formas **lo, la, los, las**, excluindo-se aquelas consonantes.

Associados a verbos terminados em ditongo nasal (**am, em, ão, õe**), os pronomes tomam as formas **no, na, nos, nas**.

*Provocar a multidão/Provocá-la*  
*Entender a literatura/Entendê-la*  
*Compor a diretoria-geral/Compô-la*  
*Invadir a macrorregião/Invadi-la*  
*Distribuir a justiça/ Distribuí-la (hiato)*  
*Punir os antidemocratas/Puni-los*  
*Atrair as microempresas/Atraí-las*  
*Quis a ervilha-de-cheiro/ Qui-la.*



*Fiz as contrarrazões/Fi-las*  
*Anunciaram a minisérie/Anunciaram-na.*  
*Propõe as alterações/ Propõe-nas*

- ii. **Tônicos:** empregados com o auxílio de preposição.

*Ela emprestou o material do Estratégia Concursos para mim.*

Associados a verbos terminados em **r, s** ou **z**, e à palavra **eis**, os pronomes **o, a, os, as** assumem as formas **lo, la, los, las**, excluindo-se aquelas consoantes. Associados a verbos terminados em ditongo nasal (**am, em, ão ãe**), esses pronomes tomam as formas **no, na, nos, nas**.

Provocar a multidão.	Provocá-la.
Entender a literatura.	Entendê-la.
Compor a diretoria-geral.	Compô-la.
Invadir a região.	Invadi-la.
Distribuir a justiça.	Distribuí-la. (hiato)
Punir os corruptos.	Puni-los.
Atrair bons pensamentos.	Atraí-los. (hiato)
Quis a aprovação.	Qui-la.
Fiz as duas provas.	Fi-las.
Anunciaram o edital.	Anunciaram-no.
Propõe as alterações.	Propõe-nas.

### Pronomes oblíquos reflexivos.

Com exceção dos pronomes **o, a, os, as, lhe, lhes**, os demais pronomes podem ser reflexivos.

*Eu me aperfeiçoarei em Língua Portuguesa.*  
*Nós nos ajudamos durante a preparação.*  
*Irei contigo à festa da posse.*

## 3.1.2 – PRONOMES POSSESSIVOS

Os pronomes possessivos referem-se às pessoas do discurso e indicam a posse de alguma coisa.

*Meu livro está atualizado.*

A palavra **meu** indica que o livro pertence à 1ª pessoa (eu). Trata-se, pois, de um pronome possessivo.

Eis as formas de pronomes possessivos:

- **1ª pessoa do singular:**



meu, minha, meus, minhas

- **2ª pessoa do singular:**  
teu, tua, teus, tuas
- **3ª pessoa do singular:**  
seu, sua, seus, suas
- **1ª pessoa do plural:**  
nosso, nossa, nossos, nossas
- **2ª pessoa do singular:**  
vosso, vossa, vossos, vossas
- **3ª pessoa do singular:**  
seu, sua, seus, suas

### 3.1.3 – PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, indica a **posição** dos seres e das coisas **no espaço e no tempo** em relação às pessoas gramaticais.

*Comprei **este** livro (aqui).*

O pronome **este** indica que o livro está perto da pessoa que fala.

*Estude por **esse** livro (aí).*

O pronome **esse** indica que o livro está perto da pessoa com quem se fala ou afastado da pessoa que fala.

***Aquele** livro me traz boas recordações.*

O pronome **aquele** indica que o livro está afastado da pessoa com quem se fala e afastado da pessoa que fala.

Aos pronomes **este, esse, aquele** (variáveis) correspondem **isto, isso, aquilo** (invariáveis) e são utilizados como substitutos de substantivos.

	Variáveis	Invariáveis
<b>1ª Pessoa</b>	este(s), esta(s)	isto
<b>2ª Pessoa</b>	esse(s), essa(s)	isso
<b>3ª Pessoa</b>	aquele(s), aquela(s)	aquilo

***Isto** é **daquele** rapaz.*

***Isso** que você usa traduz a sua personalidade.*





*Aquilo que o aluno levou não era permitido.*

Também aparecem como pronomes demonstrativos:

a) *mesmo(s), mesma(s):*

*Estas são as mesmas roupas que eu usei ontem.*

b) *próprio(s), própria(s):*

*Os próprios meninos fizeram o brinquedo.*

c) *semelhante(s):*

*Não diga semelhante coisa!*

d) *tal/tais:*

*Ele não pode viver com tal preocupação.*

e) *o(s), a(s):* quando equivalem a isto, aquilo, aquele(s), aquela(s):

*São muitos os que faltaram à aula hoje. Eu quero a da direita.*

### 3.1.4 – PRONOMES INDEFINIDOS

Os pronomes indefinidos designam ou determinam a 3ª pessoa gramatical de modo vago e impreciso.

- **Pronomes indefinidos substantivos:** algo, alguém, fulano, sicrano, beltrano, nada, ninguém, outrem, quem, tudo.

*Algo me diz que você será aprovado.*

*Se você der ouvidos ao fulano, não passará na prova!*

*Quem avisa amigo é.*

- **Pronomes indefinidos adjetivos:** cada, certo, certos, certa, certas.

*Cada aluno tem a sua forma de estudar.*

*Certos estudantes possuem mais facilidade com números.*



### 3.1.5 – PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos representam substantivos já referidos no texto. Evitam a repetição dos vocábulos!

São estes os pronomes relativos da língua portuguesa:

Variáveis		Invariáveis
Masculino	Feminino	quem, que, onde
o qual, os quais, cujo, cujos quanto, quantos	a qual, as quais, cuja, cujas quanta, quantas	

A palavra que o pronome relativo representa chama-se **antecedente**.

*Carlos comprou o livro **que** lhe fora indicado.*

No exemplo acima, a palavra **livro** é o termo antecedente do pronome relativo **que**.

Vejam os outros exemplos:

*A escola **onde** fizemos a prova era ótima.*

*Respeitem o professor, a **quem** temos de ter gratidão.*

*Traga tudo **quanto** lhe pertence.*

*Estude tantos livros **quantos** quiser.*

*Ninguém sabe o motivo por **que** (pelo qual) ele não tomou posse.*

*Trarei alguns resumos, com **os quais** reforçarei meu conhecimento.*

*Destacou as videoaulas, por meio **das quais** obteve conhecimento.*

O uso do pronome relativo **cujo**, semelhantemente a tantos outros assuntos ligados à gramática, encontra-se submetido a regras específicas. Há de se convir que, em se tratando da oralidade, ele não é um pronome assim tão recorrente. Contudo, quanto à escrita, seu uso é notório. Daí a importância de você estar ciente das suas particularidades, de modo a exercer sua competência linguística de forma efetiva.

Partindo desse princípio e tendo a consciência de que se trata de um pronome relativo variável e bastante utilizado em provas discursivas, analisaremos tais particularidades.

#### Características do pronome cujo(a):

- Concorda com o termo consequente;
- Retoma o termo antecedente (anafórico);



- iii. Traduz a ideia de posse;
- iv. Pode vir precedido de preposição;
- v. Não aceita artigo anteposto ou posposto.

A seguir: analisaremos algumas orações que nos exemplificarão todas essas características em detalhes. O segredo é verificar a regência do verbo e a preposição que ele exige caso a caso.

1. Os pais **cujos filhos apresentam boas notas** receberão elogios.

↳ *cujos filhos* apresentam boas notas → [O.S. Adj. Restritiva Desenvolvida]

↳ cujo = pronome relativo que retoma “pais” e introduz o termo “filhos” como parte deles

2. Os servidores públicos, **cujos salários são pagos pela União**, devem prestar um serviço de excelência à sociedade.

↳ *cujos salários são pagos pela União* → [O.S. Adj. Explicativa (generalizante)]

3. A Lei 8.666/1993, **a cujos artigos o jurista se referiu**, necessita de ajustes.

↳ *a cujos artigos* → [objeto indireto de “se referiu” (VTI)]

↳ *a cujos artigos o jurista se referiu* → [O.S. Adj. Explicativa]

4. A Lei 8.666/1993, **em cuja essência os administradores creem**, necessita de ajustes.

↳ *em cuja essência* → [objeto indireto de “creem” (VTI)]

↳ *em cuja essência os administradores creem* → [O.S. Adj. Explicativa]

5. A Lei 8.666/1993, **de cujas regras a administração depende**, necessita de ajustes.

↳ *de cujas regras* → [objeto indireto de “depende” (VTI)]

↳ *de cujas regras a administração depende* → [O.S. Adj. Explicativa]

6. A Lei 8.666/1993, **cujas regras a administração observa**, necessita de ajustes.

↳ *cujas regras* → [objeto direto de “observa” (VTD)]

↳ *cujas regras a administração observa* → [O.S. Adj. Explicativa]



7. A Lei 8.666/1993, **a cujo conteúdo o jurista fez alusão**, necessita de ajustes.

↳ *a cujo conteúdo* → objeto indireto da locução verbal “fez alusão” (rege preposição “a”)

↳ *a cujo conteúdo o jurista fez alusão* → Oração Subordinada Adjetiva Explicativa (O.S. Adj. Explicativa)

### 3.1.6 – PRONOMES INTERROGATIVOS

São empregados em frases interrogativas e, assim como os pronomes indefinidos, referem-se à 3ª pessoa do discurso.

*Que* houve?

*Reclamar de* *quê*?

*Quem* fez a prova?

*Quantos* passarão?

*Que* dia será o certame?

*Por* *que* motivo não se saiu bem?

*Qual* será a desculpa?

*Quantos* alunos serão aprovados?

## 4 – COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Pessoal, este assunto é querido da banca. Há certas particularidades que fazem parte da linguagem formal e que, via de regra, precisam ser aprendidas por todos nós, principalmente quando se trata da escrita técnica.

A colocação correta desses pronomes em relação ao verbo faz parte da tríade denominada **próclise** (o pronome vem antes do verbo), **mesóclise** (vem no meio) e **ênclise** (vem depois do verbo). A princípio, parece ser uma nomenclatura complicada, não é mesmo? Entretanto, depois que as conhecemos, tudo se torna claro e familiar. Tentarei apresentar o assunto de forma simultânea, clara e simples, por meio de exemplos práticos. Então, vamos lá!

Primeiramente, devemos saber quais são os **fatores da próclise** (quando o pronome vem antes do verbo).



i.	Palavra negativa;
ii.	Advérbio;
iii.	Pronome relativo;
iv.	Pronome indefinido;
v.	Pronome demonstrativo;
vi.	Conjunção.

Veremos, a seguir, alguns exemplos para compreender a aplicabilidade de cada um deles e as variadas ocorrências para que você não tenha dificuldades.

### Exemplos:

1. O ministro **não** lhe enviou as informações, **nem** as registrou no sistema.

↳ não = Advérbio (negação)

↳ nem = Conjunção (e + não)

2. **Recentemente** me pediram explicações sobre questões tributárias.

↳ Recentemente = Advérbio

Obs.: Se houver vírgula após o advérbio, a ênclise será obrigatória!

3. **Recentemente**, pediram-me explicações sobre questões tributárias.

↳ Ênclise obrigatória por causa da vírgula após o advérbio

4. Conhecemos o aluno **que** se intitulou preparado para obter a primeira colocação no concurso.

↳ que = Pronome Relativo

5. Esperamos **que** se cumpra a justiça.

↳ que = Conjunção

6. **Isso** me causa certa estranheza.

↳ Isso = Pronome demonstrativo



7. **Alguém** me contrariou.

↳ Alguém = Pronome indefinido

- Quando não há fator de atração, as duas formas estão corretas:

O presidente *agarrou-se* em alguns privilégios;

O presidente *se agarrou* em alguns privilégios.

- Adjunto adverbial de curta extensão deslocado, vírgula facultativa!

Aquí *se resolvem* questões partidárias.

Aquí, *resolvem-se* questões partidárias.

- Quando há orações “entre vírgulas”, as duas possibilidades estão corretas!

A sociedade espera que, *malgrado as dificuldades*, *se cumpram* as leis.

Entre vírgulas

A sociedade espera que, *malgrado as dificuldades*, *cumpram-se* as leis.

Entre vírgulas

Pessoal, acreditamos que as coisas começaram a ficar mais claras com relação às situações que nos deparamos no texto e temos de saber exatamente onde inserir o pronome.

Prosseguindo com nossos exemplos, farei mais algumas observações importantes:

- Futuro e particípio jamais admitirão a ênclise!

*Sujeitarão-se* às regras (Errado)

*Sujeitar-se-ão* às regras. (Certo) “A mesóclise é linda, não é verdade?”

Particípio

Ninguém havia *lembrado-se* de flagrar o choro. (Errado)

Ninguém *se* havia *lembrado* de flagrar o choro. (Certo)

Ninguém havia *se lembrado* de flagrar o choro. (Certo)



- Infinitivo sempre admitirá a ênclise, mesmo se houver fator de atração!

A sociedade não deve *lembrar-se* das atitudes corruptas. (Certo)

A sociedade não *se* deve *lembrar* das atitudes corruptas. (Certo)

- Em + Gerúndio = Próclise

*Em se tratando* desse assunto, não duvidarei do seu conhecimento.

- Frases interrogativas, exclamativas e optativas (desejo) = Próclise:

Como *se* chama o autor do livro?

Como *te* enganaram, filho!

Bons ventos *o* levem, meu amigo!

Deus *a* abençoe, minha filha!



RESUMINDO

Próclise (pronome antes do verbo)	Exemplos
a) com palavras de sentido negativo;	Não <u>me</u> emprestou o livro.
b) com advérbios sem pausa;	Ontem <u>se</u> fez de inteligente.
<b>Observação! Se houver pausa após os advérbios, a colocação deverá ser enclítica (após o verbo).</b>	Ontem, fez- <u>se</u> de inteligente. (ênclise)
c) com pronomes indefinidos;	Tudo <u>me</u> encorajava.
d) com pronomes interrogativos;	Quem <u>lhe</u> trouxe isto?
e) com pronomes demonstrativos “isto”, “isso” e “aquilo”;	Isso <u>se</u> faz assim.
f) com conjunções subordinativas e pronomes relativos ;	Quando <u>me</u> viu, caiu uma lágrima. O curso <u>que</u> <u>me</u> recomendou é excelente.
g) quando houver a preposição “em” + gerúndio;	Em <u>se tratando</u> de Língua Portuguesa, estudarei muito.
h) em orações exclamativas e optativas.	Que Deus <u>o</u> proteja! Vou <u>me</u> recompor!
Mesóclise (pronome no meio do verbo)	Exemplos
a) futuro do presente;	Entregar- <u>lhe</u> -ei o gabarito.
b) futuro do pretérito.	Entregar- <u>lhe</u> -ia o gabarito.
<b>Observações: se ocorrer qualquer dos casos de próclise, ainda que o verbo esteja no futuro do presente ou no futuro do pretérito, a colocação deverá ser proclítica (antes do verbo).</b>	Nunca <u>te</u> entregarei o gabarito. (próclise) Nunca <u>te</u> entregaria o gabarito. (próclise)



Com o numeral “ambos”, <u>ainda que o verbo esteja no futuro do presente ou no futuro do pretérito</u> , a colocação deverá ser <b>proclítica (antes do verbo)</b> .		Ambos <b>se</b> ajudarão durante a preparação. Ambos <b>se</b> ajudarão durante a preparação.
Ênclise ( Pronome após o verbo - REGRA GERAL)		Exemplos
A ênclise é a <b>regra geral</b> de colocação pronominal. Sendo assim, o pronome deverá ficar posposto ao verbo quando não ocorrer qualquer dos casos de próclise ou mesóclise.		Dê- <b>me</b> boa sorte. (início de oração)
		Pegue- <b>o</b> para mim. (verbo no imperativo afirmativo)

## 5 – APOSTA ESTRATÉGICA

Certamente, o assunto mais “queridinho” da banca é a colocação pronominal! Para estar bem-preparado sobre o assunto, após ter estudado a aula e entendido o processo, vale à pena reunir as regras em um “esqueminha” bem simples como o que vai a seguir:

Próclise (pronome antes do verbo)

- com palavras de sentido negativo; advérbios sem pausa; com pronomes indefinidos, interrogativos, demonstrativos “isto”, “isso” e “aquilo”; com conjunções subordinativas e pronomes relativos; quando houver a preposição “em” + gerúndio; em orações exclamativas e optativas.

Mesóclise (pronome no meio do verbo)

- Futuro do presente e futuro do pretérito.

Ênclise (Pronome após o verbo - REGRA GERAL)

- A ênclise é a regra geral de colocação pronominal. Sendo assim, o pronome deverá ficar posposto ao verbo quando não ocorrer qualquer dos casos de próclise ou mesóclise.

## 6 – QUESTIONÁRIO DE REVISÃO ESTRATÉGICA

### 6.1 PERGUNTAS

1. Diga o que são pronomes e como funciona a classificação dessa classe gramatical.
2. Qual é o critério para a divisão dos pronomes retos em oblíquos ou retos?
3. Qual é a função dos pronomes demonstrativos?





4. Como funcionam os pronomes possessivos quanto à referência?
5. Quais são os pronomes demonstrativos e como funcionam?
6. Quais são as características específicas do pronome relativo "cujo(a)"?
7. Quais são as possibilidades de colocação pronominal?
8. Quais são os fatores de próclise?
9. Quando a mesóclise deve acontecer?
10. Quando ocorre ênclise?

## 6.2 PERGUNTAS E RESPOSTAS

### 1. Diga o que são pronomes e como funciona a classificação dessa classe gramatical.

Pronomes são palavras que substituem os substantivos ou os determinam, indicando a pessoa do discurso, ou seja, a pessoa que participa da situação comunicativa. Os pronomes podem ser substantivos ou adjetivos. Além disso, são classificados em: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, relativos e interrogativos.

### 2. Qual é o critério para a divisão dos pronomes retos em oblíquos ou retos?

Essa divisão dos pronomes (caso reto e oblíquo) é feita de acordo com a função que exercem na frase. Os pronomes pessoais do caso reto desempenham a função de sujeito da oração e os oblíquos, a de complemento (verbal ou nominal).

### 3. Qual é a função dos pronomes demonstrativos?

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, indica a posição dos seres e das coisas no espaço e no tempo em relação às pessoas gramaticais.

### 4. Como funcionam os pronomes possessivos quanto à referência?

Os pronomes possessivos referem-se às pessoas do discurso e indicam a posse de alguma coisa. Por exemplo: Meu livro está atualizado. A palavra meu indica que o livro pertence à 1ª pessoa (eu). Trata-se, pois, de um pronome possessivo.

### 5. Quais são os pronomes demonstrativos e como funcionam?

Os pronomes demonstrativos são: este(s), esta(s), isto, esse(s), essa(s), isso, aquele(s), aquela(s) e aquilo. Tais pronomes podem, substituindo ou acompanhando os nomes, indicar a posição dos seres e das coisas no espaço e no tempo em relação às pessoas gramaticais. Exemplos:



Comprei este livro (aqui) - O pronome este indica que o livro está perto da pessoa que fala.

Estude por esse livro (aí) - O pronome esse indica que o livro está perto da pessoa com quem se fala ou afastado da pessoa que fala.

Aquele livro me traz boas recordações - O pronome aquele indica que o livro está afastado da pessoa com quem se fala e afastado da pessoa que fala.

Aos pronomes este, esse, aquele (variáveis) correspondem a isto, isso, aquilo (invariáveis) e são utilizados como substitutos de substantivos.

#### 6. Quais são as características específicas do pronome relativo "cujo(a)"?

Características do pronome cujo(a)
Concorda com o termo conseqüente
Retoma o termo antecedente (anafórico)
Traduz a ideia de posse
Pode vir precedido de preposição
Não aceita artigo anteposto ou posposto

#### 7. Quais são as possibilidades de colocação pronominal?

A colocação dos pronomes em relação ao verbo faz parte da tríade denominada próclise (o pronome vem antes do verbo - se refere), mesóclise (vem no meio - referer-se-á) e ênclise (vem depois do verbo - refere-se).

#### 8. Quais são os fatores de próclise?

Palavra negativa;
Advérbio;
Pronome relativo;
Pronome indefinido;
Pronome demonstrativo;



Conjunção.

### 9. Quando a mesóclise deve acontecer?

Sempre que o verbo estiver no em um dos tempos do futuro. Porém, se ocorrer qualquer dos casos de próclise, ainda que o verbo esteja no futuro do presente ou no futuro do pretérito, a colocação deverá ser proclítica (antes do verbo).

### 10. Quando ocorre ênclise?

A ênclise é a regra geral de colocação pronominal. Sendo assim, o pronome deverá ficar posposto ao verbo quando não ocorrer qualquer dos casos de próclise ou mesóclise.



## 7 – QUESTÕES ESTRATÉGICAS

### Colocação pronominal

#### Questão 1

Instituto AOCP - Auxiliar de Perícia Médico-Legal (PC ES)



Em “Não te surpreende que [...]”, é correto afirmar que a colocação do pronome antes do verbo é

- a) obrigatória devido ao advérbio de negação.
- b) obrigatória devido ao fato de estar em posição inicial na oração.
- c) obrigatória, pois acompanha um verbo nocional.
- d) facultativa, pois há conjunção após o verbo.
- e) facultativa, uma vez que não há fator de próclise.

### Colocação pronominal

#### Questão 2

Instituto AOCP - Administrador de Edifícios (UFPB)

Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal.

- a) Me explique isso de novo, por favor.
- b) Ele não tornou-se o homem que era por mero acidente.
- c) Calarei-me para sempre, nada de mais certo e seguro.
- d) Já perdi-me várias vezes pelos caminhos desta vida.
- e) Humilharam-no e publicaram o vídeo desse confronto na internet.

### Colocação pronominal



### Questão 3

#### Instituto AOCP - Técnico (UFRB)/Laboratório/Microscopia

A cidade caminhava devagar

Henrique Fendrich

Então você que é o Henrique? Ah, mas é uma criança ainda. Meu filho fala muito de você, ele lê o que você escreve. Mas sente-se! Você gosta de ouvir sobre essas coisas de antigamente, não é? Caso raro, menino. A gente já não tem mais com quem falar, a não ser com os outros velhos. Só que os velhos vão morrendo, e com eles vão morrendo as histórias que eles tinham para contar. Olha, do meu tempo já são poucos por aqui. Da minha família mesmo, eu sou o último, não tenho mais irmão, cunhado, nada. Só na semana passada eu fui a dois enterros. Um foi o do velho Bubi. Esse você não deve ter conhecido. Era alfaiate, foi casado com uma prima minha. E a gente vai a esses enterros e fica pensando que dali a pouco pode ser a nossa vez. Mas faz parte, não é? É assim que a vida funciona e a gente só pode aceitar.

Agora, muita coisa mudou também. A cidade já é outra, nem se compara com a da minha época. As coisas caminhavam mais devagar naquele tempo. Hoje é essa correria toda, ninguém mais consegue sossegar. Mudou muita coisa, muitos costumes que a gente tinha foram ficando para trás. Olha, é preciso que se diga também que havia mais respeito. Eu vejo pelos meus próprios netos, quanta diferença no jeito que eles tratam os pais deles! Se deixar, são eles que governam a casa. Consegue ver aquele quadro ali na parede? Papai e mamãe... Eu ainda tinha que pedir bênção a eles. A gente fazia as refeições juntos todos os dias, e sempre no mesmo horário. Hoje é cada um para um lado, uma coisa estranha, sabe? Parece que as coisas mudam e a gente não se adapta. E vai a gente tentar falar algo... Ninguém ouve, olham para você como se tivessem muita pena da sua velhice.

Aqui para cima tem um colégio. Cinco horas da tarde, eles saem em bando. A gente até evita estar na rua nesse horário. Por que você pensa que eles se preocupam com a gente? Só falta eles nos derrubarem, de tão rápido que eles andam. As calçadas são estreitas e, se a gente encontrar uma turma caminhando na nossa direção, quem você acha que precisa descer, eles ou nós, os velhos? É a gente... Nem parece que um dia eles também vão ficar velhos como a gente.

A verdade é que as pessoas estão se afastando, não estão se importando mais umas com as outras. Nem os vizinhos a gente conhece mais. Faz mais de um mês que chegou vizinho novo na casa que era do Seu Erico e até agora a gente não sabe quem é que foi morar lá. A Isolda veio com umas histórias de a gente ir lá fazer amizade, mas eu falei para ela que essa gente vive em outro mundo, outros valores, e é capaz até de pensarem mal da gente se a gente for lá.

Mas você deve achar que eu só sei reclamar, não é? Tem coisa boa também, claro que tem. Hoje as pessoas já não sofrem como na nossa época. Ali faltava tudo, a gente não tinha nem igreja para ir no domingo, imagine só. O padre aparecia uma vez a cada dois meses e olhe lá. E viajar para o centro? Só de carroça, e não tinha asfalto, não tinha nada. Se chovia, a estrada virava um lamaçal e a gente tinha que voltar. Isso mudou, hoje está melhor. Hoje tem todas essas tecnologias aí, é mais fácil tratar doença também. Olha, se eu vivesse no tempo do meu pai, acho que não teria chegado tão longe assim, porque ali não tinha os remédios que eles precisavam, né? Só que também tem



essa questão da segurança, que hoje a gente não tem quase nenhuma. A gente tem até medo que alguém entre aqui em casa. São dois velhos, o que a gente vai poder fazer contra o ladrão?

Mas vamos sentar e tomar um café, a Isolda já preparou. Tem cuque, lá da festa da igreja. Se você viesse ontem, teria encontrado meu filho, ele quem trouxe. Depois quero te mostrar o álbum de fotos do papai. Está meio gasto, as fotos estão amarelas... Mas é normal, né? São coisas de outro tempo. Do tempo em que a cidade caminhava mais devagar.

Adaptado de: <<http://www.aescotilha.com.br/cronicas/henrique-fendrich/a-cidade-caminhava-devagar>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

Considere a oração “A cidade já é outra, nem se compara com a da minha época.”. Assinale a alternativa que explicita o motivo da posição do pronome pessoal na oração.

- a) O pronome pessoal deve, quando há advérbios negativos, ser posicionado antes do verbo a que se refere.
- b) O pronome pessoal deve estar antes de verbos no presente do indicativo.
- c) O pronome pessoal é repelido pela preposição, por isso vai para antes do verbo.
- d) O pronome pessoal, nesse caso, apresenta ordem livre e poderia ser colocado depois do verbo.

## Colocação pronominal

### Questão 4

#### AOCP - Agente Prisional (SUSIPE)

##### Vida de Acompanhante

Ana teve que fazer uma pequena intervenção cirúrgica e me convidou para ser seu acompanhante na casa de saúde. Bem, normalmente evito passar até na porta de um hospital (atravesso sempre para o outro lado da rua, receoso de apagar diante de um bafo mais forte de éter). Aquela situação, porém, não me permitia simplesmente bater em retirada. Mesmo assim, o medo falou mais alto e bem que tentei cair fora.

- Escuta, Ana, quero lhe dizer que me sinto profundamente honrado com o convite que você me faz para ser seu partner no hospital mas... Será que vai pegar bem? Será que o pessoal do hospital não vai reparar de você ter o próprio marido como acompanhante? Você sabe como é esse pessoal de hospital, fala demais. Vão dizer que você é uma mulher absorvente, ciumenta, que não larga o marido nem para ser operada.

- Se você não quiser ir - disse ela muito segura - eu chamo outra pessoa.

- Não, Ana. Que é isso? Eu vou, claro. Tamos aí, firme e forte. O problema é que não tenho muita experiência. Talvez pudéssemos chamar outra pessoa para ir com a gente. Na minha vida, só entrei



como acompanhante em baile de formatura. O convite do hospital dá direito a levar quantos acompanhantes?

- Um. Um só. E vai ser você. Ou será que você está com medo?

- Quem, eu? - dei aquela do machão. - Você não me conhece... Sou uma fera braba dentro de um hospital.

- Tenho a impressão de que você está com medo.

Não adianta fingir, pensei. Resolvi me entregar:

- Morrendo, Ana. Tô morrendo de medo. Não sei se vou aguentar. Tenho pavor de entrar em hospital, aquele clima, aquele cheiro... Veja, já estou suando só de pensar.

- Fique tranquilo - disse ela me afagando

- não precisa se preocupar. Não vou deixá-lo sozinho.

- Você jura? Mas e quando você estiver na sala de cirurgia, quem vai tomar conta de mim?

- Fique calmo, bobinho. Deixo minha irmã tomando conta de você. Eu volto logo. Qualquer coisa, estarei ao seu lado.

A conversa foi muito reconfortante. Ana procurou me dar força e, depois de ouvi-la durante três horas, senti que já estava psicologicamente preparado para enfrentar a situação de acompanhante. [...]

NOVAES, Carlos Eduardo. Vida de acompanhante. In:

A cadeira do dentista. Coleção Para gostar de ler. 8.ed.. São Paulo: Ática, 2005, p. 26-27.

Em “Aquela situação, porém, não me permitia simplesmente bater em retirada.”, com relação à colocação pronominal, constata-se que o pronome em destaque está em posição de

- a) mesóclise, pois encaixa-se em estrutura com verbo no futuro.
- b) próclise, pois encontra-se em uma oração subordinada.
- c) mesóclise, pois está entre um advérbio e um verbo.
- d) ênclise, pois o precede um advérbio de negação.
- e) próclise, pois encontra-se depois do advérbio de negação.

## Colocação pronominal

### Questão 5

AOCP - Analista de Sistemas (FUNPAPA)

“MÚSICA E(M) SOCIEDADE”, UMA RICA

REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DA MÚSICA EM

NOSSAS VIDAS





## Julinho Bittencourt

O livro de Paulo Roxo Barja, traduz em linguagem simples e rica, relações que você sempre teve com a música e que, feito num sonho, seu texto faz despertar Paulo Roxo Barja é uma pessoa plugada em dois mundos. Por um lado, é pós-doutorado pela USP, doutor em ciências e mestre em física. Por outro, é cordelista e músico, formado em piano e interessado por música, seja ela qual for. Filho de pai maestro com mãe apaixonada por literatura, a despeito da sua atuação como cientista e acadêmico, nunca deixou a sua produção artística de lado.

Na mesma medida em que se aprofunda nos estudos, a sua intenção musical se volta, ironicamente, mais e mais às coisas forjadas pelo povo e para o povo. Autor de extensa obra (só de cordéis, já publicou mais de 70), acaba de lançar “Música e(m) Sociedade – Artigos, Crônicas e Reflexões”, um pequeno e lindo livro onde consegue, ao mesmo tempo, o rigor científico em sua estrutura e uma linguagem surpreendentemente clara no seu conteúdo.

Tudo o que compartilha ao longo de suas pouco mais de 140 páginas são experiências que vivenciou, ouviu e comprovou em vários momentos de sua vida. Parte de coisas prosaicas e cotidianas que qualquer ouvinte de música um pouco mais atento experimenta, mas que o autor traduz com maestria, encaixando peças até então soltas e aleatórias.

Logo de saída, desmistifica o ambiente sagrado da música erudita, mais exatamente o período da renascença. Num capítulo hilário, redime a nossa contemporaneidade desbocada e desbanca falsos moralistas das salas de concerto ao nos mostrar, traduzir e comentar canções do século XVI tão malcriadas que fariam qualquer MC do funk proibidão parecer um ingênuo iniciante.

Dos renascentistas profanos, pula para o urgente e emergente mundo sagrado dos pretos velhos da umbanda, segundo ele, a religião mais genuinamente brasileira de todas. Mais uma vez, corre a buscar exemplos que entrelaçam a trajetória dos negros escravos aos seus cantos, ritmos e origens de suas danças.

Seguir viagem adentro neste “Música e(m) Sociedade” é mergulhar em experiências musicais díspares, algumas delas em artigos divididos com outros autores. Paulo Roxo Barja transita por várias manifestações e se debruça, sobretudo, nas reações humanas que elas desencadeiam, no todo compartilhado. Nos sons forjados por nós e que, conseqüentemente, nos forjam e assim por diante.

Vai da canção pop brasileira dos anos 50 até 2000 à trilha do filme “O Som do Coração”, imprescindível na construção da narrativa. Relata vivências em comunidades, poesia e canção popular, a paixão por Nara Leão, o papel da música na área da saúde.

Guarda para o final, feito sobremesa, uma deliciosa série de reflexões extremamente pessoais que, talvez por isso mesmo, se revelem estranhamente próximas, irrecusavelmente comuns a muitos de nós. Uma das mais divertidas é quando conta ter colocado a interpretação de Cristiane Jaccottet para o Prelúdio Nº 1, do Cravo Bem Temperado, de Bach, no toque do seu celular. Por conta disto, por diversas vezes, se pegou não atendendo a ligação enlevado com a música.





No final das contas, “Música e(m) Sociedade – Artigos, Crônicas e Reflexões”, de Paulo Roxo Barja, vai te pegar de surpresa, ao traduzir, na sua linguagem simples e rica de professor, relações que você sempre teve com a música e que, feito num sonho, seu texto faz despertar.

Publicado em: 31/01/2018 Texto adaptado. Disponível em:

<https://www.revistaforum.com.br/2018/01/31/musica-em-sociedade-uma-rica-reflexao-sobre-o-papel-da-musica-em-nossas-vidas/> Acesso em: 01/02/2018.

Assinale a alternativa em que a colocação pronominal NÃO está de acordo com a Norma-Culta da Língua Portuguesa.

- a) Nunca mais o vi com ninguém.
- b) Quem garante-me que a festa será boa?
- c) Em se tratando de animação, os jovens são os primeiros.
- d) Aconteceu-me um fato interessante.
- e) Analisar-se-á os acontecimentos.

## Colocação pronominal

### Questão 6

#### AOCP - Agente (Pref JF)/Transporte e Trânsito I

Considerações sobre a loucura

Ferreira Gullar

Ouçõ frequentemente pessoas opinarem sobre tratamento psiquiátrico sem na verdade conhecerem o problema. É bacana ser contra internação. Por isso mesmo traçam um retrato equivocado de como os pacientes eram tratados no passado em manicômios infernais por médicos que só pensavam em torturá-los com choques elétricos, camisas de força e metê-los em solitárias.

Por isso mesmo exaltam o movimento antimanicomial, que se opõe à internação dos doentes mentais. Segundo eles, os pacientes são metidos em hospitais psiquiátricos porque a família quer se ver livre deles. Só pode fazer tal afirmação quem nunca teve que conviver com um doente mental e, por isso, ignora o tormento que tal situação pode implicar.

Nada mais doloroso para uma mãe ou um pai do que ter de admitir que seu filho é esquizofrênico e ser, por isso, obrigado a interná-lo. Há certamente pais que se negam a fazê-lo, mas ao custo de ser por ele agredido ou vê-lo por fim à própria vida, jogando-se da janela do apartamento.

Como aquelas pessoas não enfrentam tais situações, inventam que os hospitais psiquiátricos, ainda hoje, são locais de tortura. Ignoram que as clínicas atuais, em sua maioria, graças aos remédios neuroléticos, nada têm dos manicômios do passado.

Recentemente, num desses programas de televisão, ouvi pessoas afirmarem que o verdadeiro tratamento psiquiátrico foi inventado pela médica Nise da Silveira, que curava os doentes com



atividades artísticas. Trata-se de um equívoco. A terapia ocupacional, artística ou não, jamais curou algum doente.

Trata-se, graças a Nise, de uma ocupação que lhe dá prazer e, por mantê-lo ocupado, alivia-lhe as tensões psíquicas. Quando o doente é, apesar de louco, um artista talentoso, como Emygdio de Barros ou Arthur Bispo do Rosário, realiza-se artisticamente e encontra assim um modo de ser feliz.

Graças à atividade dos internados no Centro Psiquiátrico Nacional, do Engenho de Dentro, no Estado do Rio, criou-se o Museu de Imagens do Inconsciente, que muito contribuiu para o reconhecimento do valor estético dos artistas doentes mentais. Mas é bom entender que não é a loucura que torna alguém artista; de fato, ele é artístico apesar de louco.

Tanto isso é verdade que, das dezenas de pacientes que trabalharam no ateliê do Centro Psiquiátrico, apenas quatro ou cinco criaram obras de arte. Deve-se reconhecer, também, que conforme a personalidade de cada um seu estado mental compõe a expressão estética que produz.

No tal programa de TV, alguém afirmou que, graças a Nise da Silveira, o tratamento psiquiátrico tornou-se o que é hoje. Não é verdade, isso se deve à invenção dos remédios neurolépticos que possibilitam o controle do surto psíquico.

É também graças a essa medicação que as internações se tornaram menos frequentes e, quando necessárias, duram pouco tempo – o tempo necessário ao controle do surto por medicação mais forte. Superada a crise, o paciente volta para casa e continua tomando as doses necessárias à manutenção da estabilidade mental.

Não pretendo com esses argumentos diminuir a extraordinária contribuição dada pela médica Nise da Silveira ao tratamento dos doentes mentais no Brasil. Fui amigo dela e acompanhei de perto, juntamente com Mário Pedrosa, o seu trabalho no Centro Psiquiátrico Nacional.

Uma das qualidades dela era o seu afeto pelas pessoas e particularmente pelo doente mental. Eis um exemplo: como o Natal se aproximava, ela perguntou aos pacientes o que queriam de presente. Emygdio respondeu: um guarda-chuva.

Como dentro do hospital naturalmente não chovia, ela concluiu que ele queria ir embora para casa. E era. Ela providenciou para que levasse consigo tinta e tela, a fim de que não parasse de pintar.

Ele se foi, mas, passado algum tempo, alguém toca a campainha do gabinete da médica. Ela abre a porta, era o Emygdio, de paletó, gravata e maleta na mão. “Voltei para continuar pintando, porque lá em casa não dava pé.” E ficou pintando ali até completar 80 anos, quando, por lei, teve que deixar o hospital e ir para um abrigo de idosos, onde morreu anos depois.

(Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/2016/02/1741258-consideracoes-sobre-a-loucura.shtml>)

No que se refere às regras de colocação pronominal, assinale a alternativa em que a posição do termo destacado pode ser alterada.

- a) ...que se opõe à internação dos doentes mentais.



- b) ... mas ao custo de ser por ele agredido ou vê-lo por fim à própria vida, jogando-se da janela do apartamento...
- c) ... como o Natal se aproximava...
- d) ...isso se deve à invenção dos remédios neurolépticos...
- e) Trata-se, graças a Nise, de uma ocupação...

## Função sintática dos pronomes relativos

### Questão 7

#### Instituto AOCP - Administrador (UEPB)

##### Mundo de mentira

Paulo Pestana

Tem muita gente que implica com mentira, esquecendo-se de que as melhores histórias do mundo nascem delas: algumas cabeludas, outras mais inocentes, sempre invenções da mente, fruto da criatividade — ou do aperto, dependendo da situação.

Ademais, se fosse tão ruim estaria na lista das pedras que Moisés recebeu aos pés do monte Sinai, entre as 10 coisas mais feias da humanidade, todas proibidas e que levam ao inferno; ficou de fora.

A mentira não está nem entre os pecados capitais, que aliás eram ofensas bem antes de Cristo nascer, formando um rol de virtudes avessas, para controlar os instintos básicos da patuleia. Eram leis. E é preciso lembrar também que ninguém colocou a mentira entre os pecados veniais; talvez, seja por isso que o mundo minta tanto, hoje em dia.

E tudo nasceu na forma mais poética possível, com os mitos — e não vamos falar de presidentes aqui — às lendas, narrativas fantásticas que serviam para educar ou entreter. Entre tantas notícias falsas, há muitas lendas que, inclusive, explicam por que fazemos tanta festa para o ano que começa.

Os japoneses, por exemplo, contam que um velhinho, na véspera do ano-novo, não conseguiu vender os chapéus que fabricava e colocou-os na cabeça de seis estátuas de pedra; chegou em casa coberto de neve e sem um tostão. No dia seguinte, recebeu comida farta e dinheiro das próprias estátuas, para mostrar que a bondade é sempre reconhecida e recompensada.

Os brasileiros vestem roupas brancas na passagem do ano, mas poucos sabem que esta é uma tradição recente, de pouco mais de 50 anos, e que veio do candomblé, mais precisamente da cultura yorubá, com os irúnmolés's funfun — as divindades do branco. E atenção: para eles, o regente de 2019 é Ogum, o guerreiro, orixá associado às forças armadas, ao mesmo tempo impiedoso, impaciente e amável. Ogunhê!

Mas na minha profunda ignorância eu não conhecia a lenda da Noite de São Silvestre, que marca a passagem do ano. E assim foi-me contada pelo Doutor João, culto advogado, entre suaves goles de vinho — um Quinta do Crasto Douro (sorry, periferia, diria o Ibrahim Sued).



Disse-me ele: ao ver a Virgem Maria desolada contemplando o Oceano Atlântico, São Silvestre se aproximou para consolá-la, quando ela disse que estava com saudades da Atlântida, o reino submerso por Deus, em resposta aos desafios e à soberba de seu soberano e dos pecados de seu povo.

As lágrimas da Virgem Maria — transformadas em pérolas — caíram no oceano; e uma delas deu origem à Ilha da Madeira — chamada Pérola do Atlântico, na modesta visão dos locais — ao mesmo tempo em que surgiram misteriosas luzes no céu, que se repetiriam por anos a fio; e é por isso que festejamos a chegada do ano-novo com fogos de artifício.

Aliás, agora inventaram fogo de artifício sem barulho para não incomodar os cachorros. A próxima jogada politicamente correta será lançar fogos sem luz para não perturbar as corujas buraqueiras. E isso está longe de ser lenda: é só um mundo mais chato.

*Disponível em: <<http://df.divirtasemais.com.br/app/noticia/mais-leitor/2018/12/28/noticia-mais-leitor,160970/cronica-de-paulo-pestana.shtml>>. Acesso em: 18 fev. 2019.*

Assinale a alternativa correta em relação à palavra “que” destacada.

a) Na frase “Tem muita gente que implica com mentira [...]”, o “que” tem função de conjunção subordinativa adverbial, retomando a palavra “gente”.

b) Em “[...] se fosse tão ruim estaria na lista das pedras que Moisés recebeu [...]”, o “que” é uma conjunção coordenativa com função de explicação.

c) No trecho “[...] às lendas, narrativas fantásticas que serviam para educar ou entreter.”, o “que” é pronome relativo.

d) Em “[...] quando ela disse que estava com saudades da Atlântida [...]”, o “que” é pronome relativo e completa o sentido do verbo “disse”.

e) No excerto “[...] é por isso que festejamos a chegada do ano-novo com fogos de artifício.”, o “que” é uma conjunção subordinativa explicativa.

## Função sintática dos pronomes pessoais

### Questão 8

#### AOCP - Agente (Pref JF)/Transporte e Trânsito I

##### Considerações sobre a loucura

Ferreira Gullar

Ouçõ frequentemente pessoas opinarem sobre tratamento psiquiátrico sem na verdade conhecerem o problema. É bacana ser contra internação. Por isso mesmo traçam um retrato equivocado de como os pacientes eram tratados no passado em manicômios infernais por médicos que só pensavam em torturá-los com choques elétricos, camisas de força e metê-los em solitárias.



Por isso mesmo exaltam o movimento antimanicomial, que se opõe à internação dos doentes mentais. Segundo eles, os pacientes são metidos em hospitais psiquiátricos porque a família quer se ver livre deles. Só pode fazer tal afirmação quem nunca teve que conviver com um doente mental e, por isso, ignora o tormento que tal situação pode implicar.

Nada mais doloroso para uma mãe ou um pai do que ter de admitir que seu filho é esquizofrênico e ser, por isso, obrigado a interná-lo. Há certamente pais que se negam a fazê-lo, mas ao custo de ser por ele agredido ou vê-lo por fim à própria vida, jogando-se da janela do apartamento.

Como aquelas pessoas não enfrentam tais situações, inventam que os hospitais psiquiátricos, ainda hoje, são locais de tortura. Ignoram que as clínicas atuais, em sua maioria, graças aos remédios neuroléticos, nada têm dos manicômios do passado.

Recentemente, num desses programas de televisão, ouvi pessoas afirmarem que o verdadeiro tratamento psiquiátrico foi inventado pela médica Nise da Silveira, que curava os doentes com atividades artísticas. Trata-se de um equívoco. A terapia ocupacional, artística ou não, jamais curou algum doente.

Trata-se, graças a Nise, de uma ocupação que lhe dá prazer e, por mantê-lo ocupado, alivia-lhe as tensões psíquicas. Quando o doente é, apesar de louco, um artista talentoso, como Emygdio de Barros ou Arthur Bispo do Rosário, realiza-se artisticamente e encontra assim um modo de ser feliz.

Graças à atividade dos internados no Centro Psiquiátrico Nacional, do Engenho de Dentro, no Estado do Rio, criou-se o Museu de Imagens do Inconsciente, que muito contribuiu para o reconhecimento do valor estético dos artistas doentes mentais. Mas é bom entender que não é a loucura que torna alguém artista; de fato, ele é artístico apesar de louco.

Tanto isso é verdade que, das dezenas de pacientes que trabalharam no ateliê do Centro Psiquiátrico, apenas quatro ou cinco criaram obras de arte. Deve-se reconhecer, também, que conforme a personalidade de cada um seu estado mental compõe a expressão estética que produz.

No tal programa de TV, alguém afirmou que, graças a Nise da Silveira, o tratamento psiquiátrico tornou-se o que é hoje. Não é verdade, isso se deve à invenção dos remédios neurolépticos que possibilitam o controle do surto psíquico.

É também graças a essa medicação que as internações se tornaram menos frequentes e, quando necessárias, duram pouco tempo – o tempo necessário ao controle do surto por medicação mais forte. Superada a crise, o paciente volta para casa e continua tomando as doses necessárias à manutenção da estabilidade mental.

Não pretendo com esses argumentos diminuir a extraordinária contribuição dada pela médica Nise da Silveira ao tratamento dos doentes mentais no Brasil. Fui amigo dela e acompanhei de perto, juntamente com Mário Pedrosa, o seu trabalho no Centro Psiquiátrico Nacional.

Uma das qualidades dela era o seu afeto pelas pessoas e particularmente pelo doente mental. Eis um exemplo: como o Natal se aproximava, ela perguntou aos pacientes o que queriam de presente. Emygdio respondeu: um guarda-chuva.



Como dentro do hospital naturalmente não chovia, ela concluiu que ele queria ir embora para casa. E era. Ela providenciou para que levasse consigo tinta e tela, a fim de que não parasse de pintar.

Ele se foi, mas, passado algum tempo, alguém toca a campainha do gabinete da médica. Ela abre a porta, era o Emygdio, de paletó, gravata e maleta na mão. “Voltei para continuar pintando, porque lá em casa não dava pé.” E ficou pintando ali até completar 80 anos, quando, por lei, teve que deixar o hospital e ir para um abrigo de idosos, onde morreu anos depois.

(Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/2016/02/1741258-consideracoes-sobre-a-loucura.shtml>)

Assinale a alternativa em que NÃO houve a substituição correta da expressão destacada pelo pronome correspondente.

- a) Exaltam o movimento antimanicomial = exaltam-no.
- b) Perguntou aos pacientes = perguntou-os.
- c) Deixar o hospital = deixá-lo.
- d) Traçam um retrato equivocado = traçam-no.
- e) Curava os doentes = curava-os.

## Função sintática dos pronomes pessoais e colocação pronominal

### Questão 9

#### Instituto AOCF - Assistente Social (PC ES)

Projetos e Ações: Papo de Resposta

O Programa Papo de Resposta foi criado por policiais civis do Rio de Janeiro. Em 2013, a Polícia Civil do Espírito Santo, por meio de policiais da Academia de Polícia (Acadepol) capixaba, conheceu o programa e, em parceria com a polícia carioca, trouxe para o Estado.

O ‘Papo de Resposta’ é um programa de educação não formal que – por meio da palavra e de atividades lúdicas – discute temas diversos como prevenção ao uso de drogas e a crimes na internet, bullying, direitos humanos, cultura da paz e segurança pública, aproximando os policiais da comunidade e, principalmente, dos adolescentes.

O projeto funciona em três etapas e as temáticas são repassadas pelo órgão que convida o Papo de Resposta, como escolas, igrejas e associações, dependendo da demanda da comunidade. No primeiro ciclo, denominado de “Papo é um Papo”, a equipe introduz o tema e inicia o processo de aproximação com os alunos. Já na segunda etapa, os alunos são os protagonistas e produzem materiais, como músicas, poesias, vídeos e colagens de fotos, mostrando a percepção deles sobre a problemática abordada. No último processo, o “Papo no Chão”, os alunos e os policiais civis formam uma roda de conversa no chão e trocam ideias relacionadas a frases, questões e músicas direcionadas sempre no tema proposto pela instituição. Por fim, acontece um bate-papo com





familiares dos alunos, para que os policiais entendam a percepção deles e também como os adolescentes reagiram diante das novas informações.

Disponível em <<https://pc.es.gov.br/projetos-e-acoes>>. Acesso em: 30/ jan./2019.

“Em 2013, a Polícia Civil do Espírito Santo, por meio de policiais da Academia de Polícia (Acadepol) capixaba, conheceu o programa e [...] trouxe para o Estado”.

A expressão em destaque no excerto apresentado pode ser substituída adequadamente, considerando a escolha pronominal e sua colocação, por

- a) conheceu-o.
- b) os conheceu.
- c) conheceu-lhe.
- d) conheceu-no.
- e) lhe conheceu.

## Função sintática dos pronomes pessoais

### Questão 10

#### Instituto AOCP - Fiscal de Vigilância Sanitária (SES PE)/Enfermeiro/Diarista

LER OU NÃO LER, EIS A QUESTÃO: UMA CRÔNICA SOBRE LIVROS E LEITURA

Marcia Tiburi – 4 de julho de 2018

Há cerca de quatro anos, uma pessoa, ao ouvir uma fala minha em um evento literário no interior de Santa Catarina, interpelou-me, chateada: “Marcia, eu gostava de você quando você não era política”.

Perguntei a ela por que me dizia essa frase: ela não quis responder. Perguntei, então, se ela costumava ler o que eu escrevia, tentando entender o seu “gosto” por mim. Eu perguntei se havia lido algum artigo, algum texto na internet. Ela apenas tinha me visto na televisão e, de certo modo, isso lhe bastava.

Comentei que, a meu ver, estamos sempre mergulhados em política, mesmo quando não queremos saber dela. Mesmo quando aparecemos ou vemos televisão, isso é político, pois que a televisão é um meio de poder; não apenas um meio de comunicação, mas um meio de comunicação do poder. Que nossos atos, aparentemente “des-políticos” ou “anti-políticos”, servem a algum tipo de política. Que se nós não sabemos, todavia alguém sempre sabe o que fazer com o nosso desgosto ou falta de interesse em política. A política abandonada serviu e serve aos poderosos de sempre, sugeri para que ela pensasse. Ela não ficou muito interessada, mas prometeu, de um modo muito simpático, ler um livro meu.

Não foram poucos os momentos em que estive com pessoas particulares ou grupos diversos nos quais tive que tratar da mesma questão. E não foi incomum descobrir que muitas pessoas que



“gostavam” ou “não gostavam” de mim nunca tivessem lido um livro meu. Pensar na força da televisão e na impotência do livro nessas horas ainda me deixa triste.

O desinteresse ou desatenção pelo que escrevo não é um problema, evidentemente. Ler é um direito e não ler também. Preferências de cada um devem ser respeitadas, embora possam significar algo mais. Há tempos atrás, eu soube de um professor de uma grande universidade que ia às livrarias e escondia meus livros para que ninguém os comprasse. Não sei se os lia ou não, mas certamente os odiava a ponto de precisar escondê-los. Do mesmo modo, há pessoas que conheço que leram todos os meus livros, ou vários deles, e até presentearam seus amigos e amores com eles. Eu fico feliz, mas isso é uma questão maior do que eu mesma, do que meus desleitores ou leitores.

O que me faz contar isso? Sou escritora e penso ser este um lugar de fala legítimo. Mas a meu ver há um problema imenso na cultura brasileira, um problema que diz respeito ao que o sociólogo francês Pierre Bourdieu, por exemplo, chamou de *habitus*, aquele modo de viver que é introjetado e resulta em um modo de sentir, de pensar e ser.

Ora, há umnexo a ser compreendido entre a “despolitização” ou “antipolitização” da vida e a falta de interesse pelo que há de mais complexo e mais difícil e que, de um modo geral, faz parte do mundo dos livros e da leitura. Ler e não ler também são atos políticos. E políticas da leitura e da escrita não podem ser deixadas de lado quando se trata de pensar um mundo melhor para se viver com pessoas

melhor preparadas subjetivamente.

Entre a política e a leitura há uma analogia que nos ajuda a entender a nossa época. São dois hábitos que exigem esforço e que, depois de transpostas as dificuldades do hábito, se não definem um novo prazer, pelo menos nos ajudam na expansão de nossas visões de mundo.

Eu fico triste de ver que telas (sejam de televisão, sejam de computador), suplantem os livros em nossa época. Que tipo de subjetividade surge desse *habitus* da não-leitura, em uma época em que a escrita é instrumentalizada de tantas formas, inclusive na internet, é uma questão para pensar.

Fonte: <<https://revistacult.uol.com.br/home/cronica-leitura-politica/>>.

Com relação ao termo em destaque no excerto “Pensar na força da televisão e na impotência do livro nessas horas ainda me deixa triste.”, assinale a alternativa correta.

- a) Ele se refere à primeira pessoa do singular e exerce função de objeto indireto.
- b) Ele se refere à segunda pessoa do singular e exerce função de objeto indireto.
- c) Ele se refere à primeira pessoa do singular e exerce função de objeto direto.
- d) Ele se refere à terceira pessoa do singular e exerce função de objeto indireto.
- e) Ele se refere à primeira pessoa do singular e exerce função de sujeito.





## 8 – QUESTÕES ESTRATÉGICAS COMENTADAS

### Colocação pronominal

#### Questão 1

Instituto AOCB - Auxiliar de Perícia Médico-Legal (PC ES)



Em “Não te surpreende que [...]”, é correto afirmar que a colocação do pronome antes do verbo é

- a) obrigatória devido ao advérbio de negação.
- b) obrigatória devido ao fato de estar em posição inicial na oração.
- c) obrigatória, pois acompanha um verbo nocional.
- d) facultativa, pois há conjunção após o verbo.
- e) facultativa, uma vez que não há fator de próclise.

#### Comentário:

Quando o pronome é colocado antes do verbo, dizemos que ocorreu uma próclise. Existem algumas regras que determinam essa posição do pronome.

obrigatória devido ao advérbio de negação.

Correta – A presença do advérbio de negação “Não” faz com que a próclise seja obrigatória

B- obrigatória devido ao fato de estar em posição inicial na oração.

Incorreta- Segundo a gramática normativa, o pronome oblíquo átono nunca pode iniciar uma oração.

C-obrigatória, pois acompanha um verbo nocional.

Incorreta- A colocação pronominal nada tem a ver com o verbo “surpreender” que é nocional (indica ação).

D- facultativa, pois há conjunção após o verbo.

Incorreta- Como há a presença do advérbio de negação, a próclise é obrigatória e não facultativa.

E- facultativa, uma vez que não há fator de próclise.

Incorreta – Há fator de próclise sim.

**Gabarito: A**

## Colocação pronominal

### Questão 2

#### Instituto AOCP - Administrador de Edifícios (UFPB)

Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal.

- a) Me explique isso de novo, por favor.
- b) Ele não tornou-se o homem que era por mero acidente.
- c) Calarei-me para sempre, nada de mais certo e seguro.
- d) Já perdi-me várias vezes pelos caminhos desta vida.
- e) Humilharam-no e publicaram o vídeo desse confronto na internet.

#### Comentário:

Me explique isso de novo, por favor.

Incorreta – Segundo a gramática normativa, o pronome oblíquo átono nunca pode iniciar uma oração.

Ele não tornou-se o homem que era por mero acidente.

Incorreta- A presença do advérbio de negação “Não” faz com que a próclise seja obrigatória

C- Calarei-me para sempre, nada de mais certo e seguro.

Incorreta- O verbo está no início da frase e no futuro do presente do indicativo o que torna a mesóclise obrigatória.

D-Já perdi-me várias vezes pelos caminhos desta vida.

Incorreta- A presença do advérbio “já” faz a próclise obrigatória.

E- Humilharam-no e publicaram o vídeo desse confronto na internet.

Correta – O verbo está iniciando a frase, portanto a ênclise é obrigatória.

**Gabarito: E**

## Colocação pronominal

### Questão 3



## Instituto AOCP - Técnico (UFRB)/Laboratório/Microscopia

A cidade caminhava devagar

Henrique Fendrich

Então você que é o Henrique? Ah, mas é uma criança ainda. Meu filho fala muito de você, ele lê o que você escreve. Mas sente-se! Você gosta de ouvir sobre essas coisas de antigamente, não é? Caso raro, menino. A gente já não tem mais com quem falar, a não ser com os outros velhos. Só que os velhos vão morrendo, e com eles vão morrendo as histórias que eles tinham para contar. Olha, do meu tempo já são poucos por aqui. Da minha família mesmo, eu sou o último, não tenho mais irmão, cunhado, nada. Só na semana passada eu fui a dois enterros. Um foi o do velho Bubi. Esse você não deve ter conhecido. Era alfaiate, foi casado com uma prima minha. E a gente vai a esses enterros e fica pensando que dali a pouco pode ser a nossa vez. Mas faz parte, não é? É assim que a vida funciona e a gente só pode aceitar.

Agora, muita coisa mudou também. A cidade já é outra, nem se compara com a da minha época. As coisas caminhavam mais devagar naquele tempo. Hoje é essa correria toda, ninguém mais consegue sossegar. Mudou muita coisa, muitos costumes que a gente tinha foram ficando para trás. Olha, é preciso que se diga também que havia mais respeito. Eu vejo pelos meus próprios netos, quanta diferença no jeito que eles tratam os pais deles! Se deixar, são eles que governam a casa. Consegue ver aquele quadro ali na parede? Papai e mamãe... Eu ainda tinha que pedir bênção a eles. A gente fazia as refeições juntos todos os dias, e sempre no mesmo horário. Hoje é cada um para um lado, uma coisa estranha, sabe? Parece que as coisas mudam e a gente não se adapta. E vai a gente tentar falar algo... Ninguém ouve, olham para você como se tivessem muita pena da sua velhice.

Aqui para cima tem um colégio. Cinco horas da tarde, eles saem em bando. A gente até evita estar na rua nesse horário. Por que você pensa que eles se preocupam com a gente? Só falta eles nos derrubarem, de tão rápido que eles andam. As calçadas são estreitas e, se a gente encontrar uma turma caminhando na nossa direção, quem você acha que precisa descer, eles ou nós, os velhos? É a gente... Nem parece que um dia eles também vão ficar velhos como a gente.

A verdade é que as pessoas estão se afastando, não estão se importando mais umas com as outras. Nem os vizinhos a gente conhece mais. Faz mais de um mês que chegou vizinho novo na casa que era do Seu Erico e até agora a gente não sabe quem é que foi morar lá. A Isolda veio com umas histórias de a gente ir lá fazer amizade, mas eu falei para ela que essa gente vive em outro mundo, outros valores, e é capaz até de pensarem mal da gente se a gente for lá.

Mas você deve achar que eu só sei reclamar, não é? Tem coisa boa também, claro que tem. Hoje as pessoas já não sofrem como na nossa época. Ali faltava tudo, a gente não tinha nem igreja para ir no domingo, imagine só. O padre aparecia uma vez a cada dois meses e olhe lá. E viajar para o centro? Só de carroça, e não tinha asfalto, não tinha nada. Se chovia, a estrada virava um lamaçal e a gente tinha que voltar. Isso mudou, hoje está melhor. Hoje tem todas essas tecnologias aí, é mais fácil tratar doença também. Olha, se eu vivesse no tempo do meu pai, acho que não teria chegado tão longe assim, porque ali não tinha os remédios que eles precisavam, né? Só que também tem



essa questão da segurança, que hoje a gente não tem quase nenhuma. A gente tem até medo que alguém entre aqui em casa. São dois velhos, o que a gente vai poder fazer contra o ladrão?

Mas vamos sentar e tomar um café, a Isolda já preparou. Tem cuque, lá da festa da igreja. Se você viesse ontem, teria encontrado meu filho, ele quem trouxe. Depois quero te mostrar o álbum de fotos do papai. Está meio gasto, as fotos estão amarelas... Mas é normal, né? São coisas de outro tempo. Do tempo em que a cidade caminhava mais devagar.

Adaptado de: <<http://www.aescotilha.com.br/cronicas/henrique-fendrich/a-cidade-caminhava-devagar>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

Considere a oração “A cidade já é outra, nem se compara com a da minha época.”. Assinale a alternativa que explicita o motivo da posição do pronome pessoal na oração.

- a) O pronome pessoal deve, quando há advérbios negativos, ser posicionado antes do verbo a que se refere.
- b) O pronome pessoal deve estar antes de verbos no presente do indicativo.
- c) O pronome pessoal é repellido pela preposição, por isso vai para antes do verbo.
- d) O pronome pessoal, nesse caso, apresenta ordem livre e poderia ser colocado depois do verbo.

#### **Comentário:**

A - O pronome pessoal deve, quando há advérbios negativos, ser posicionado antes do verbo a que se refere.

Correta- Alguns fatores de próclise como os advérbios negativos fazem com que o pronome seja sempre colocado antes do verbo.

B - O pronome pessoal deve estar antes de verbos no presente do indicativo.

Incorreta- O fator responsável pela próclise é o advérbio e não o verbo no presente do indicativo.

C - O pronome pessoal é repellido pela preposição, por isso vai para antes do verbo.

Incorreta- A preposição não influencia a posição do pronome oblíquo.

D - O pronome pessoal, nesse caso, apresenta ordem livre e poderia ser colocado depois do verbo.

Incorreta – O pronome deve ser colocado antes do verbo.

**Gabarito: A**

#### **Colocação pronominal**

##### **Questão 4**

**AOCP - Agente Prisional (SUSIPE)**



## Vida de Acompanhante

Ana teve que fazer uma pequena intervenção cirúrgica e me convidou para ser seu acompanhante na casa de saúde. Bem, normalmente evito passar até na porta de um hospital (atravesso sempre para o outro lado da rua, receoso de apagar diante de um bafo mais forte de éter). Aquela situação, porém, não me permitia simplesmente bater em retirada. Mesmo assim, o medo falou mais alto e bem que tentei cair fora.

- Escuta, Ana, quero lhe dizer que me sinto profundamente honrado com o convite que você me faz para ser seu partner no hospital mas... Será que vai pegar bem? Será que o pessoal do hospital não vai reparar de você ter o próprio marido como acompanhante? Você sabe como é esse pessoal de hospital, fala demais. Vão dizer que você é uma mulher absorvente, ciumenta, que não larga o marido nem para ser operada.

- Se você não quiser ir - disse ela muito segura - eu chamo outra pessoa.

- Não, Ana. Que é isso? Eu vou, claro. Tamos aí, firme e forte. O problema é que não tenho muita experiência. Talvez pudéssemos chamar outra pessoa para ir com a gente. Na minha vida, só entrei como acompanhante em baile de formatura. O convite do hospital dá direito a levar quantos acompanhantes?

- Um. Um só. E vai ser você. Ou será que você está com medo?

- Quem, eu? - dei aquela do machão. - Você não me conhece... Sou uma fera braba dentro de um hospital.

- Tenho a impressão de que você está com medo.

Não adianta fingir, pensei. Resolvi me entregar:

- Morrendo, Ana. Tô morrendo de medo. Não sei se vou aguentar. Tenho pavor de entrar em hospital, aquele clima, aquele cheiro... Veja, já estou suando só de pensar.

- Fique tranquilo - disse ela me afagando

- não precisa se preocupar. Não vou deixá-lo sozinho.

- Você jura? Mas e quando você estiver na sala de cirurgia, quem vai tomar conta de mim?

- Fique calmo, bobinho. Deixo minha irmã tomando conta de você. Eu volto logo. Qualquer coisa, estarei ao seu lado.

A conversa foi muito reconfortante. Ana procurou me dar força e, depois de ouvi-la durante três horas, senti que já estava psicologicamente preparado para enfrentar a situação de acompanhante. [...]

NOVAES, Carlos Eduardo. Vida de acompanhante. In:

A cadeira do dentista. Coleção Para gostar de ler. 8.ed.. São Paulo: Ática, 2005, p. 26-27.

Em “Aquela situação, porém, não me permitia simplesmente bater em retirada.”, com relação à colocação pronominal, constata-se que o pronome em destaque está em posição de



- a) mesóclise, pois encaixa-se em estrutura com verbo no futuro.
- b) próclise, pois encontra-se em uma oração subordinada.
- c) mesóclise, pois está entre um advérbio e um verbo.
- d) ênclise, pois o precede um advérbio de negação.
- e) próclise, pois encontra-se depois do advérbio de negação.

**Comentário:**

mesóclise, pois encaixa-se em estrutura com verbo no futuro.

Incorreta- O pronome não está na posição de mesóclise.

próclise, pois encontra-se em uma oração subordinada.

Incorreta – O pronome está na posição de próclise, mas não está em uma oração subordinada.

C - mesóclise, pois está entre um advérbio e um verbo.

Incorreta – Como vimos, o pronome não está no meio do verbo.

D - ênclise, pois o precede um advérbio de negação.

Incorreta- Ênclise é o pronome depois do verbo e essa

- e) próclise, pois encontra-se depois do advérbio de negação.

**Gabarito: E**

**Colocação pronominal**

**Questão 5**

AOCP - Analista de Sistemas (FUNPAPA)

“MÚSICA E(M) SOCIEDADE”, UMA RICA

REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DA MÚSICA EM

NOSSAS VIDAS

Julinho Bittencourt

O livro de Paulo Roxo Barja, traduz em linguagem simples e rica, relações que você sempre teve com a música e que, feito num sonho, seu texto faz despertar Paulo Roxo Barja é uma pessoa plugada em dois mundos. Por um lado, é pós-doutorado pela USP, doutor em ciências e mestre em física. Por outro, é cordelista e músico, formado em piano e interessado por música, seja ela qual for. Filho de pai maestro com mãe apaixonada por literatura, a despeito da sua atuação como cientista e acadêmico, nunca deixou a sua produção artística de lado.

Na mesma medida em que se aprofunda nos estudos, a sua intenção musical se volta, ironicamente, mais e mais às coisas forjadas pelo povo e para o povo. Autor de extensa obra (só de cordéis, já





publicou mais de 70), acaba de lançar “Música e(m) Sociedade – Artigos, Crônicas e Reflexões”, um pequeno e lindo livro onde consegue, ao mesmo tempo, o rigor científico em sua estrutura e uma linguagem surpreendentemente clara no seu conteúdo.

Tudo o que compartilha ao longo de suas pouco mais de 140 páginas são experiências que vivenciou, ouviu e comprovou em vários momentos de sua vida. Parte de coisas prosaicas e cotidianas que qualquer ouvinte de música um pouco mais atento experimenta, mas que o autor traduz com maestria, encaixando peças até então soltas e aleatórias.

Logo de saída, desmistifica o ambiente sagrado da música erudita, mais exatamente o período da renascença. Num capítulo hilário, redime a nossa contemporaneidade desbocada e desbanca falsos moralistas das salas de concerto ao nos mostrar, traduzir e comentar canções do século XVI tão malcriadas que fariam qualquer MC do funk proibidão parecer um ingênuo iniciante.

Dos renascentistas profanos, pula para o urgente e emergente mundo sagrado dos pretos velhos da umbanda, segundo ele, a religião mais genuinamente brasileira de todas. Mais uma vez, corre a buscar exemplos que entrelaçam a trajetória dos negros escravos aos seus cantos, ritmos e origens de suas danças.

Seguir viagem adentro neste “Música e(m) Sociedade” é mergulhar em experiências musicais díspares, algumas delas em artigos divididos com outros autores. Paulo Roxo Barja transita por várias manifestações e se debruça, sobretudo, nas reações humanas que elas desencadeiam, no todo compartilhado. Nos sons forjados por nós e que, conseqüentemente, nos forjam e assim por diante.

Vai da canção pop brasileira dos anos 50 até 2000 à trilha do filme “O Som do Coração”, imprescindível na construção da narrativa. Relata vivências em comunidades, poesia e canção popular, a paixão por Nara Leão, o papel da música na área da saúde.

Guarda para o final, feito sobremesa, uma deliciosa série de reflexões extremamente pessoais que, talvez por isso mesmo, se revelem estranhamente próximas, irrecusavelmente comuns a muitos de nós. Uma das mais divertidas é quando conta ter colocado a interpretação de Cristiane Jaccottet para o Prelúdio Nº 1, do Cravo Bem Temperado, de Bach, no toque do seu celular. Por conta disto, por diversas vezes, se pegou não atendendo a ligação enlevado com a música.

No final das contas, “Música e(m) Sociedade – Artigos, Crônicas e Reflexões”, de Paulo Roxo Barja, vai te pegar de surpresa, ao traduzir, na sua linguagem simples e rica de professor, relações que você sempre teve com a música e que, feito num sonho, seu texto faz despertar.

Publicado em: 31/01/2018 Texto adaptado. Disponível em:

<https://www.revistaforum.com.br/2018/01/31/musica-em-sociedade-uma-rica-reflexao-sobre-o-papel-da-musica-em-nossas-vidas/> Acesso em: 01/02/2018.

Assinale a alternativa em que a colocação pronominal NÃO está de acordo com a Norma-Culta da Língua Portuguesa.

- a) Nunca mais o vi com ninguém.
- b) Quem garante-me que a festa será boa?



- c) Em se tratando de animação, os jovens são os primeiros.
- d) Aconteceu-me um fato interessante.
- e) Analisar-se-á os acontecimentos.

**Comentário:**

Nunca mais o vi com ninguém.

Correta- A presença de advérbio na frase faz com que o pronome fique antes do verbo, portanto a frase está correta.

Quem garante-me que a festa será boa?

Incorreta- Os pronomes interrogativos também são fatores de próclise, logo o pronome deveria estar antes do verbo.

Em se tratando de animação, os jovens são os primeiros.

Correta- Quando a preposição está seguida de gerúndio, a próclise é obrigatória.

Aconteceu-me um fato interessante.

Correta- O pronome oblíquo não pode iniciar uma frase.

Analisar-se-á os acontecimentos.

Correta – O verbo está flexionado no futuro de presente, logo a mesóclise é obrigatória.

**Gabarito: B**

**Colocação pronominal**

**Questão 6**

**AOCP - Agente (Pref JF)/Transporte e Trânsito I**

Considerações sobre a loucura

Ferreira Gullar

Ouçõ frequentemente pessoas opinarem sobre tratamento psiquiátrico sem na verdade conhecerem o problema. É bacana ser contra internação. Por isso mesmo traçam um retrato equivocado de como os pacientes eram tratados no passado em manicômios infernais por médicos que só pensavam em torturá-los com choques elétricos, camisas de força e metê-los em solitárias.

Por isso mesmo exaltam o movimento antimanicomial, que se opõe à internação dos doentes mentais. Segundo eles, os pacientes são metidos em hospitais psiquiátricos porque a família quer se ver livre deles. Só pode fazer tal afirmação quem nunca teve que conviver com um doente mental e, por isso, ignora o tormento que tal situação pode implicar.





Nada mais doloroso para uma mãe ou um pai do que ter de admitir que seu filho é esquizofrênico e ser, por isso, obrigado a interná-lo. Há certamente pais que se negam a fazê-lo, mas ao custo de ser por ele agredido ou vê-lo por fim à própria vida, jogando-se da janela do apartamento.

Como aquelas pessoas não enfrentam tais situações, inventam que os hospitais psiquiátricos, ainda hoje, são locais de tortura. Ignoram que as clínicas atuais, em sua maioria, graças aos remédios neuroléticos, nada têm dos manicômios do passado.

Recentemente, num desses programas de televisão, ouvi pessoas afirmarem que o verdadeiro tratamento psiquiátrico foi inventado pela médica Nise da Silveira, que curava os doentes com atividades artísticas. Trata-se de um equívoco. A terapia ocupacional, artística ou não, jamais curou algum doente.

Trata-se, graças a Nise, de uma ocupação que lhe dá prazer e, por mantê-lo ocupado, alivia-lhe as tensões psíquicas. Quando o doente é, apesar de louco, um artista talentoso, como Emygdio de Barros ou Arthur Bispo do Rosário, realiza-se artisticamente e encontra assim um modo de ser feliz.

Graças à atividade dos internados no Centro Psiquiátrico Nacional, do Engenho de Dentro, no Estado do Rio, criou-se o Museu de Imagens do Inconsciente, que muito contribuiu para o reconhecimento do valor estético dos artistas doentes mentais. Mas é bom entender que não é a loucura que torna alguém artista; de fato, ele é artístico apesar de louco.

Tanto isso é verdade que, das dezenas de pacientes que trabalharam no ateliê do Centro Psiquiátrico, apenas quatro ou cinco criaram obras de arte. Deve-se reconhecer, também, que conforme a personalidade de cada um seu estado mental compõe a expressão estética que produz.

No tal programa de TV, alguém afirmou que, graças a Nise da Silveira, o tratamento psiquiátrico tornou-se o que é hoje. Não é verdade, isso se deve à invenção dos remédios neurolépticos que possibilitam o controle do surto psíquico.

É também graças a essa medicação que as internações se tornaram menos frequentes e, quando necessárias, duram pouco tempo – o tempo necessário ao controle do surto por medicação mais forte. Superada a crise, o paciente volta para casa e continua tomando as doses necessárias à manutenção da estabilidade mental.

Não pretendo com esses argumentos diminuir a extraordinária contribuição dada pela médica Nise da Silveira ao tratamento dos doentes mentais no Brasil. Fui amigo dela e acompanhei de perto, juntamente com Mário Pedrosa, o seu trabalho no Centro Psiquiátrico Nacional.

Uma das qualidades dela era o seu afeto pelas pessoas e particularmente pelo doente mental. Eis um exemplo: como o Natal se aproximava, ela perguntou aos pacientes o que queriam de presente. Emygdio respondeu: um guarda-chuva.

Como dentro do hospital naturalmente não chovia, ela concluiu que ele queria ir embora para casa. E era. Ela providenciou para que levasse consigo tinta e tela, a fim de que não parasse de pintar.

Ele se foi, mas, passado algum tempo, alguém toca a campainha do gabinete da médica. Ela abre a porta, era o Emygdio, de paletó, gravata e maleta na mão. “Voltei para continuar pintando, porque



lá em casa não dava pé.” E ficou pintando ali até completar 80 anos, quando, por lei, teve que deixar o hospital e ir para um abrigo de idosos, onde morreu anos depois.

(Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/2016/02/1741258-consideracoes-sobre-a-loucura.shtml>)

No que se refere às regras de colocação pronominal, assinale a alternativa em que a posição do termo destacado pode ser alterada.

a) ...que se opõe à internação dos doentes mentais.

b) ... mas ao custo de ser por ele agredido ou vê-lo por fim à própria vida, jogando-se da janela do apartamento...

c) ... como o Natal se aproximava...

d) ...isso se deve à invenção dos remédios neurolépticos...

e) Trata-se, graças a Nise, de uma ocupação...

#### Comentário:

A- ...que se opõe à internação dos doentes mentais.

Incorreta- a próclise é obrigatória, na frase acima, pois o pronome “que” é uma palavra atrativa. Portanto, não é possível mudar a posição do pronome.

B-... mas ao custo de ser por ele agredido ou vê-lo por fim à própria vida, jogando-se da janela do apartamento...

Incorreta- O verbo jogar está no gerúndio e não há palavra atrativa, sendo a ênclise obrigatória.

... como o Natal se aproximava...

Correta – O verbo não está iniciando oração e nem há palavras atrativas, logo tanto a próclise quanto a ênclise são possíveis nesse caso.

...isso se deve à invenção dos remédios neurolépticos...

Incorreta- O pronome demonstrativo “isso” é um fator de próclise.

E - Trata-se, graças a Nise, de uma ocupação...

Incorreta – O verbo está iniciando a oração e o pronome oblíquo jamais pode iniciar uma frase.

#### Gabarito: C

#### Função sintática dos pronomes relativos

#### Questão 7

Instituto AOCP - Administrador (UFPB)

Mundo de mentira

Paulo Pestana



Tem muita gente que implica com mentira, esquecendo-se de que as melhores histórias do mundo nascem delas: algumas cabeludas, outras mais inocentes, sempre invenções da mente, fruto da criatividade — ou do aperto, dependendo da situação.

Ademais, se fosse tão ruim estaria na lista das pedras que Moisés recebeu aos pés do monte Sinai, entre as 10 coisas mais feias da humanidade, todas proibidas e que levam ao inferno; ficou de fora.

A mentira não está nem entre os pecados capitais, que aliás eram ofensas bem antes de Cristo nascer, formando um rol de virtudes avessas, para controlar os instintos básicos da patuleia. Eram leis. E é preciso lembrar também que ninguém colocou a mentira entre os pecados veniais; talvez, seja por isso que o mundo minta tanto, hoje em dia.

E tudo nasceu na forma mais poética possível, com os mitos — e não vamos falar de presidentes aqui — às lendas, narrativas fantásticas que serviam para educar ou entreter. Entre tantas notícias falsas, há muitas lendas que, inclusive, explicam por que fazemos tanta festa para o ano que começa.

Os japoneses, por exemplo, contam que um velhinho, na véspera do ano-novo, não conseguiu vender os chapéus que fabricava e colocou-os na cabeça de seis estátuas de pedra; chegou em casa coberto de neve e sem um tostão. No dia seguinte, recebeu comida farta e dinheiro das próprias estátuas, para mostrar que a bondade é sempre reconhecida e recompensada.

Os brasileiros vestem roupas brancas na passagem do ano, mas poucos sabem que esta é uma tradição recente, de pouco mais de 50 anos, e que veio do candomblé, mais precisamente da cultura yorubá, com os irúnmolés's funfun — as divindades do branco. E atenção: para eles, o regente de 2019 é Ogum, o guerreiro, orixá associado às forças armadas, ao mesmo tempo impiedoso, impaciente e amável. Ogunhê!

Mas na minha profunda ignorância eu não conhecia a lenda da Noite de São Silvestre, que marca a passagem do ano. E assim foi-me contada pelo Doutor João, culto advogado, entre suaves goles de vinho — um Quinta do Crasto Douro (sorry, periferia, diria o Ibrahim Sued).

Disse-me ele: ao ver a Virgem Maria desolada contemplando o Oceano Atlântico, São Silvestre se aproximou para consolá-la, quando ela disse que estava com saudades da Atlântida, o reino submerso por Deus, em resposta aos desafios e à soberba de seu soberano e dos pecados de seu povo.

As lágrimas da Virgem Maria — transformadas em pérolas — caíram no oceano; e uma delas deu origem à Ilha da Madeira — chamada Pérola do Atlântico, na modesta visão dos locais — ao mesmo tempo em que surgiram misteriosas luzes no céu, que se repetiriam por anos a fio; e é por isso que festejamos a chegada do ano-novo com fogos de artifício.

Aliás, agora inventaram fogo de artifício sem barulho para não incomodar os cachorros. A próxima jogada politicamente correta será lançar fogos sem luz para não perturbar as corujas buraqueiras. E isso está longe de ser lenda: é só um mundo mais chato.

*Disponível em: <<http://df.divirtasemais.com.br/app/noticia/mais-leitor/2018/12/28/noticia-mais-leitor,160970/cronica-de-paulo-pestana.shtml>>. Acesso em: 18 fev. 2019.*

Assinale a alternativa correta em relação à palavra “que” destacada.



a) Na frase “Tem muita gente que implica com mentira [...]”, o “que” tem função de conjunção subordinativa adverbial, retomando a palavra “gente”.

b) Em “[...] se fosse tão ruim estaria na lista das pedras que Moisés recebeu [...]”, o “que” é uma conjunção coordenativa com função de explicação.

c) No trecho “[...] às lendas, narrativas fantásticas que serviam para educar ou entreter.”, o “que” é pronome relativo.

d) Em “[...] quando ela disse que estava com saudades da Atlântida [...]”, o “que” é pronome relativo e completa o sentido do verbo “disse”.

e) No excerto “[...] é por isso que festejamos a chegada do ano-novo com fogos de artifício.”, o “que” é uma conjunção subordinativa explicativa.

#### **Comentário:**

A-Na frase “Tem muita gente que implica com mentira [...]”, o “que” tem função de conjunção subordinativa adverbial, retomando a palavra “gente”.

Incorreta- A palavra “que” recupera o termo anterior, logo é um pronome relativo, além disso, a oração é uma subordinada adjetiva restritiva.

B-Em “[...] se fosse tão ruim estaria na lista das pedras que Moisés recebeu [...]”, o “que” é uma conjunção coordenativa com função de explicação.

Incorreta – A palavra “que” é um pronome relativo e a oração é subordinada adjetiva restritiva.

C- No trecho “[...] às lendas, narrativas fantásticas que serviam para educar ou entreter.”, o “que” é pronome relativo.

Incorreta- Realmente o “que” funciona como pronome relativo e a oração é subordinada adjetiva restritiva

D- Em “[...] quando ela disse que estava com saudades da Atlântida [...]”, o “que” é pronome relativo e completa o sentido do verbo “disse”.

Incorreta- O “que” recebe a classificação de conjunção integrante e a oração é classificada como subordinada substantiva objetiva direta, pois completa o sentido do verbo “dizer”.

E- No excerto “[...] é por isso que festejamos a chegada do ano-novo com fogos de artifício.”, o “que” é uma conjunção subordinativa explicativa.

Incorreta- A palavra “que” recebe a classificação de partícula expletiva, pois não apresenta nenhuma função na oração.

#### **Gabarito: C**

### **Função sintática dos pronomes pessoais**

#### **Questão 8**



## AOCP - Agente (Pref JF)/Transporte e Trânsito I

### Considerações sobre a loucura

Ferreira Gullar

Ouçõ frequentemente pessoas opinarem sobre tratamento psiquiátrico sem na verdade conhecerem o problema. É bacana ser contra internação. Por isso mesmo traçam um retrato equivocado de como os pacientes eram tratados no passado em manicômios infernais por médicos que só pensavam em torturá-los com choques elétricos, camisas de força e metê-los em solitárias.

Por isso mesmo exaltam o movimento antimanicomial, que se opõe à internação dos doentes mentais. Segundo eles, os pacientes são metidos em hospitais psiquiátricos porque a família quer se ver livre deles. Só pode fazer tal afirmação quem nunca teve que conviver com um doente mental e, por isso, ignora o tormento que tal situação pode implicar.

Nada mais doloroso para uma mãe ou um pai do que ter de admitir que seu filho é esquizofrênico e ser, por isso, obrigado a interná-lo. Há certamente pais que se negam a fazê-lo, mas ao custo de ser por ele agredido ou vê-lo por fim à própria vida, jogando-se da janela do apartamento.

Como aquelas pessoas não enfrentam tais situações, inventam que os hospitais psiquiátricos, ainda hoje, são locais de tortura. Ignoram que as clínicas atuais, em sua maioria, graças aos remédios neuroléticos, nada têm dos manicômios do passado.

Recentemente, num desses programas de televisão, ouvi pessoas afirmarem que o verdadeiro tratamento psiquiátrico foi inventado pela médica Nise da Silveira, que curava os doentes com atividades artísticas. Trata-se de um equívoco. A terapia ocupacional, artística ou não, jamais curou algum doente.

Trata-se, graças a Nise, de uma ocupação que lhe dá prazer e, por mantê-lo ocupado, alivia-lhe as tensões psíquicas. Quando o doente é, apesar de louco, um artista talentoso, como Emygdio de Barros ou Arthur Bispo do Rosário, realiza-se artisticamente e encontra assim um modo de ser feliz.

Graças à atividade dos internados no Centro Psiquiátrico Nacional, do Engenho de Dentro, no Estado do Rio, criou-se o Museu de Imagens do Inconsciente, que muito contribuiu para o reconhecimento do valor estético dos artistas doentes mentais. Mas é bom entender que não é a loucura que torna alguém artista; de fato, ele é artístico apesar de louco.

Tanto isso é verdade que, das dezenas de pacientes que trabalharam no ateliê do Centro Psiquiátrico, apenas quatro ou cinco criaram obras de arte. Deve-se reconhecer, também, que conforme a personalidade de cada um seu estado mental compõe a expressão estética que produz.

No tal programa de TV, alguém afirmou que, graças a Nise da Silveira, o tratamento psiquiátrico tornou-se o que é hoje. Não é verdade, isso se deve à invenção dos remédios neuroléticos que possibilitam o controle do surto psíquico.

É também graças a essa medicação que as internações se tornaram menos frequentes e, quando necessárias, duram pouco tempo – o tempo necessário ao controle do surto por medicação mais



forte. Superada a crise, o paciente volta para casa e continua tomando as doses necessárias à manutenção da estabilidade mental.

Não pretendo com esses argumentos diminuir a extraordinária contribuição dada pela médica Nise da Silveira ao tratamento dos doentes mentais no Brasil. Fui amigo dela e acompanhei de perto, juntamente com Mário Pedrosa, o seu trabalho no Centro Psiquiátrico Nacional.

Uma das qualidades dela era o seu afeto pelas pessoas e particularmente pelo doente mental. Eis um exemplo: como o Natal se aproximava, ela perguntou aos pacientes o que queriam de presente. Emygdio respondeu: um guarda-chuva.

Como dentro do hospital naturalmente não chovia, ela concluiu que ele queria ir embora para casa. E era. Ela providenciou para que levasse consigo tinta e tela, a fim de que não parasse de pintar.

Ele se foi, mas, passado algum tempo, alguém toca a campainha do gabinete da médica. Ela abre a porta, era o Emygdio, de paletó, gravata e maleta na mão. “Voltei para continuar pintando, porque lá em casa não dava pé.” E ficou pintando ali até completar 80 anos, quando, por lei, teve que deixar o hospital e ir para um abrigo de idosos, onde morreu anos depois.

(Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/2016/02/1741258-consideracoes-sobre-a-loucura.shtml>)

Assinale a alternativa em que NÃO houve a substituição correta da expressão destacada pelo pronome correspondente.

- a) Exaltam o movimento antimanicomial = exaltam-no.
- b) Perguntou aos pacientes = perguntou-os.
- c) Deixar o hospital = deixá-lo.
- d) Traçam um retrato equivocado = traçam-no.
- e) Curava os doentes = curava-os.

#### Comentário:

A- Exaltam o movimento antimanicomial = exaltam-no.

Correta – O verbo “exaltar” é transitivo direto, logo pede como complemento um objeto direto e o pronome “o” exerce essa função. Lembrando que pelo fato do verbo estar terminando em nasal, acrescenta-se “n” (no) antes do pronome.

B- Perguntou aos pacientes = perguntou-os.

Incorreta- A expressão “aos pacientes” exerce a função de objeto indireto do verbo “perguntar” e o pronome “os” só pode ser objeto direto. Logo, o pronome “lhes” que seria o pronome adequado para fazer a substituição.

C- Deixar o hospital = deixá-lo.

Correta- O pronome “lo” está corretamente substituindo a expressão “o hospital” que é objeto direto do verbo “deixar”.





D-Traçam um retrato equivocado = traçam-no.

Correta- A expressão “um retrato equivocado” exerce a função de objeto direto do verbo “traçar” e o pronome “no” está exercendo esse mesmo papel.

e) Curava os doentes = curava-os.

Correta – O pronome “os” está corretamente substituindo a expressão “os dentes”, pois ambos funcionam como objeto direto.

**Gabarito: B**

## **Função sintática dos pronomes pessoais e colocação pronominal**

### **Questão 9**

#### **Instituto AOCP - Assistente Social (PC ES)**

Projetos e Ações: Papo de Resposta

O Programa Papo de Resposta foi criado por policiais civis do Rio de Janeiro. Em 2013, a Polícia Civil do Espírito Santo, por meio de policiais da Academia de Polícia (Acadepol) capixaba, conheceu o programa e, em parceria com a polícia carioca, trouxe para o Estado.

O ‘Papo de Resposta’ é um programa de educação não formal que – por meio da palavra e de atividades lúdicas – discute temas diversos como prevenção ao uso de drogas e a crimes na internet, bullying, direitos humanos, cultura da paz e segurança pública, aproximando os policiais da comunidade e, principalmente, dos adolescentes.

O projeto funciona em três etapas e as temáticas são repassadas pelo órgão que convida o Papo de Resposta, como escolas, igrejas e associações, dependendo da demanda da comunidade. No primeiro ciclo, denominado de “Papo é um Papo”, a equipe introduz o tema e inicia o processo de aproximação com os alunos. Já na segunda etapa, os alunos são os protagonistas e produzem materiais, como músicas, poesias, vídeos e colagens de fotos, mostrando a percepção deles sobre a problemática abordada. No último processo, o “Papo no Chão”, os alunos e os policiais civis formam uma roda de conversa no chão e trocam ideias relacionadas a frases, questões e músicas direcionadas sempre no tema proposto pela instituição. Por fim, acontece um bate-papo com familiares dos alunos, para que os policiais entendam a percepção deles e também como os adolescentes reagiram diante das novas informações.

Disponível em <<https://pc.es.gov.br/projetos-e-acoes>>. Acesso em: 30/ jan./2019.

“Em 2013, a Polícia Civil do Espírito Santo, por meio de policiais da Academia de Polícia (Acadepol) capixaba, conheceu o programa e [...] trouxe para o Estado”.

A expressão em destaque no excerto apresentado pode ser substituída adequadamente, considerando a escolha pronominal e sua colocação, por

a) conheceu-o.

b) os conheceu.





- c) conheceu-lhe.
- d) conheceu-no.
- e) lhe conheceu.

**Comentário:**

Conhece-o.

Correta- O verbo “conhecer” é transitivo direto e “o programa” exerce a função de objeto direto. Lembrando que o pronome “o” sempre exerce a função de objeto direto, a substituição está correta.

B- os conheceu.

Incorreta- O pronome “os” está sendo bem empregado, mas a sua posição está incorreta. Ele não poderia ficar antes do verbo por causa da vírgula.

C- conheceu-lhe.

Incorreta- O pronome “lhes” será sempre objeto indireto e verbo “conhecer” transitivo direto, logo a substituição está incorreta.

D- conheceu-no.

Incorreta- O pronome “o” (a,os,as) só muda para “no” quando o verbo termina em som nasal, o que não é o caso de “conheceu”, por isso a substituição fica incorreta.

E - lhe conheceu.

Incorreta- O pronome “lhes” está incorreto, pois é objeto indireto e a posição “próclise” está errada.

**Gabarito: A**

**Função sintática dos pronomes pessoais**

**Questão 10**

**Instituto AOCP - Fiscal de Vigilância Sanitária (SES PE)/Enfermeiro/Diarista**

LER OU NÃO LER, EIS A QUESTÃO: UMA CRÔNICA SOBRE LIVROS E LEITURA

Marcia Tiburi – 4 de julho de 2018

Há cerca de quatro anos, uma pessoa, ao ouvir uma fala minha em um evento literário no interior de Santa Catarina, interpelou-me, chateada: “Marcia, eu gostava de você quando você não era política”.

Perguntei a ela por que me dizia essa frase: ela não quis responder. Perguntei, então, se ela costumava ler o que eu escrevia, tentando entender o seu “gosto” por mim. Eu perguntei se havia lido algum artigo, algum texto na internet. Ela apenas tinha me visto na televisão e, de certo modo, isso lhe bastava.



Comentei que, a meu ver, estamos sempre mergulhados em política, mesmo quando não queremos saber dela. Mesmo quando aparecemos ou vemos televisão, isso é político, pois que a televisão é um meio de poder; não apenas um meio de comunicação, mas um meio de comunicação do poder. Que nossos atos, aparentemente “des-políticos” ou “anti-políticos”, servem a algum tipo de política. Que se nós não sabemos, todavia alguém sempre sabe o que fazer com o nosso desgosto ou falta de interesse em política. A política abandonada serviu e serve aos poderosos de sempre, sugeri para que ela pensasse. Ela não ficou muito interessada, mas prometeu, de um modo muito simpático, ler um livro meu.

Não foram poucos os momentos em que estive com pessoas particulares ou grupos diversos nos quais tive que tratar da mesma questão. E não foi incomum descobrir que muitas pessoas que “gostavam” ou “não gostavam” de mim nunca tivessem lido um livro meu. Pensar na força da televisão e na impotência do livro nessas horas ainda me deixa triste.

O desinteresse ou desatenção pelo que escrevo não é um problema, evidentemente. Ler é um direito e não ler também. Preferências de cada um devem ser respeitadas, embora possam significar algo mais. Há tempos atrás, eu soube de um professor de uma grande universidade que ia às livrarias e escondia meus livros para que ninguém os comprasse. Não sei se os lia ou não, mas certamente os odiava a ponto de precisar escondê-los. Do mesmo modo, há pessoas que conheço que leram todos os meus livros, ou vários deles, e até presentearam seus amigos e amores com eles. Eu fico feliz, mas isso é uma questão maior do que eu mesma, do que meus desleitores ou leitores.

O que me faz contar isso? Sou escritora e penso ser este um lugar de fala legítimo. Mas a meu ver há um problema imenso na cultura brasileira, um problema que diz respeito ao que o sociólogo francês Pierre Bourdieu, por exemplo, chamou de habitus, aquele modo de viver que é introjetado e resulta em um modo de sentir, de pensar e ser.

Ora, há um nexos a ser compreendido entre a “despolitização” ou “antipolitização” da vida e a falta de interesse pelo que há de mais complexo e mais difícil e que, de um modo geral, faz parte do mundo dos livros e da leitura. Ler e não ler também são atos políticos. E políticas da leitura e da escrita não podem ser deixadas de lado quando se trata de pensar um mundo melhor para se viver com pessoas

melhor preparadas subjetivamente.

Entre a política e a leitura há uma analogia que nos ajuda a entender a nossa época. São dois hábitos que exigem esforço e que, depois de transpostas as dificuldades do hábito, se não definem um novo prazer, pelo menos nos ajudam na expansão de nossas visões de mundo.

Eu fico triste de ver que telas (sejam de televisão, sejam de computador), suplantem os livros em nossa época. Que tipo de subjetividade surge desse habitus da não-leitura, em uma época em que a escrita é instrumentalizada de tantas formas, inclusive na internet, é uma questão para pensar.

Fonte: <<https://revistacult.uol.com.br/home/cronica-leitura-politica/>>.

Com relação ao termo em destaque no excerto “Pensar na força da televisão e na impotência do livro nessas horas ainda me deixa triste.”, assinale a alternativa correta.



- a) Ele se refere à primeira pessoa do singular e exerce função de objeto indireto.
- b) Ele se refere à segunda pessoa do singular e exerce função de objeto indireto.
- c) Ele se refere à primeira pessoa do singular e exerce função de objeto direto.
- d) Ele se refere à terceira pessoa do singular e exerce função de objeto indireto.
- e) Ele se refere à primeira pessoa do singular e exerce função de sujeito.

**Comentário:**

A- Ele se refere à primeira pessoa do singular e exerce função de objeto indireto.

Incorreta- O pronome “me” está na primeira pessoa, mas exerce a função de “objeto direto” e não “indireto”.

Ele se refere à segunda pessoa do singular e exerce função de objeto indireto.

Incorreta- O pronome faz referência à primeira pessoa e exerce a função de objeto direto.

C- Ele se refere à primeira pessoa do singular e exerce função de objeto direto.

Correta- O verbo “deixar” é transitivo direto e pede como complemento um objeto direto, função exercida pelo “me” que está na primeira pessoa do singular. Portanto, a afirmação está correta.

Ele se refere à terceira pessoa do singular e exerce função de objeto indireto.

Incorreta- O pronome “me” está na primeira pessoa do singular e tem função de objeto direto e não de objeto indireto.

E - Ele se refere à primeira pessoa do singular e exerce função de sujeito.

Incorreta- O pronome “me” está na primeira pessoa do singular e tem função de objeto direto e não de sujeito.

**Gabarito: C**



## 9 – GABARITO

Nº	Assunto	Banca/Concurso	Gabarito
1	Colocação pronominal	Instituto AOCP - Auxiliar de Perícia Médico-Legal (PC ES)	A
2	Colocação pronominal	Instituto AOCP - Administrador de Edifícios (UFPB)	E
3	Colocação pronominal	Instituto AOCP - Técnico (UFRB)/Laboratório/Microscopia	A
4	Colocação pronominal	Instituto AOCP - Agente Prisional (SUSIPE)	E
5	Colocação pronominal	AOCP - Analista de Sistemas (FUNPAPA)	B
6	Colocação pronominal	AOCP - Agente (Prefeitura de Juiz de Fora)	C
7	Função sintática dos pronomes relativos	AOCP - Administrador (UFPB)	C
8	Função sintática dos pronomes pessoais	AOCP - Agente (Prefeitura de Juiz de Fora)	B
9	Colocação pronominal / Função sintática	Instituto AOCP - Assistente Social (PC ES)	A
10	Função sintática dos pronomes pessoais	Instituto AOCP - Fiscal de Vigilância Sanitária (SES PE)	C



# ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



1 Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



2 Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



3 Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



4 Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



5 Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



6 Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



7 Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



8 O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.